

Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: **262**
Mês: Dezembro
Ano: 2020
Preço: R\$ 5,00



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br



Livros e arte na Casa Roberto Marinho

A mostra *Enquanto* estará até o dia 31 de janeiro no andar térreo da Casa Roberto Marinho, reunindo a produção inédita de três artistas consagrados (Carlos Vergara, Luiz Aquila e Roberto Magalhães), realizada durante o período de isolamento social, a partir da série *on-line* "Conversas na Casa", que o diretor Lauro Cavalcanti comandou. O resultado são 50 obras de vertentes variadas, em diferentes suportes (pintura, desenho, fotografia, colagem e livro). Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11

Guache 'Visão Macroscópica', de Roberto Magalhães, que celebrou 80 anos em março deste ano. (Foto Jaime Acioli).

J Editorial

Chegamos ao fim de um ano difícil. O apoio da literatura foi fundamental para enfrentarmos o isolamento social imposto pela pandemia. Uma das personalidades mais ativas e respeitáveis da Academia Brasileira de Letras é a imortal Nélida Piñon. Conversamos sobre seu mais recente romance (*Um dia chegarei a Sagres*), escrito em Portugal, onde ela passou quase um ano para vivenciar o ambiente em que se situa a obra. No Opinião, faço referência à minha primeira história infantil, escrita há cerca de 40 anos. O curioso é que já havia uma abordagem oportuna sobre as queimadas na Amazônia, assunto que lamentavelmente recrudescer agora, com o acréscimo das mesmas atitudes criminosas na região do Pantanal. Já está mais do que na hora de evitar que isso aconteça de forma sistemática. Segundo o saudoso acadêmico Ferreira Gullar, “A arte existe porque a vida não basta”. Ciente da importância da Arte para nos ajudar a superar tempos difíceis, a Casa Roberto Marinho reabriu as portas com duas exposições imperdíveis, que apresentamos aos nossos leitores, na matéria de capa. Desejamos a todos uma boa leitura e um ano novo de paz, esperança e muita saúde!

O editor.



O **JORNAL DE LETRAS** homenageia os acadêmicos aniversariantes do primeiro mês de 2021: Carlos Nejar, que troca de idade no dia 11 de janeiro; Evaldo Cabral de Mello, dia 20; Alberto Venancio Filho, dia 23 e Domício Proença Filho, dia 25. Saúde!

J Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editadora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

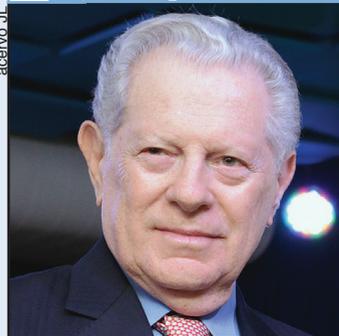
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O **JORNAL DE LETRAS** É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

J Opinião



Estão destruindo a floresta

Ainda bem que há pessoas com boa memória. Três delas lembraram agora que há 40 anos escrevi o livro infantil *A Constituinte da Nova Floresta*, Editora Nova Fronteira, com belíssimas ilustrações do genial Maurício de Sousa. Quando lhe mostrei o texto, ele me disse: “Se eu me divertir com a sua leitura, farei os desenhos.” Foi o que aconteceu – e o livro tem mais de 10 edições.

Idinha Seabra, Gilda Milman e Ruth Niskier elogiaram a obra, que é uma defesa candente do nosso meio ambiente. Logo no primeiro capítulo, veio a afirmação objetiva: “Estão destruindo a nossa floresta!” Reparem que a denúncia das queimadas vem de longe.

Os bichos não se conformaram e propuseram a realização de uma Constituinte, para que fossem tomadas as providências cabíveis. A Assembleia foi presidida pelo cachorro Guima e as críticas dirigidas ao Cavalo Manhoso, na época o presidente. Tudo isso é publicado no Diário da Floresta, que combatia a venda ilegal de madeiras da floresta. Reparem que essa história é mesmo antiga. Tudo foi transformado num musical, que fez o maior sucesso, no Teatro da Barra.

Numa clareira da floresta, todas as noites, reuniam-se os representantes dos partidos existentes: PDS (Partido Democrático da Selva), PMDB (Partido da Mata Democrática dos Bichos), PFL (Partido da Floresta Liberal) e o PT (Partido do Tatu), além do PSB (Partido Socialista dos Bichos). A discussão era enorme e havia um racha entre as formigas e as abelhas operárias. Os verdes atrasaram no registro do seu Partido. Seus membros ficaram azuis de raiva.

Com a renúncia do Presidente, foi instaurada a Nova Floresta. Nilda Girafa pediu a palavra, mas ninguém entendeu nada do que ela falava. A “tchurma” preferiu ouvir o recital do conjunto Barões da Selva. Os macacos pediram a criação da Bananobrás, o que acabou acontecendo. O macaco Simão deu bananas prá todo mundo. Lula Barbuda fez um tremendo discurso e a sessão foi iniciada. A floresta passou a ter uma nova Constituinte, com a aprovação do artigo mais importante: “O amparo aos bichos é dever de todos.”

Com a Nova Constituinte, foi possível preservar convenientemente a floresta. E todos viveram felizes para sempre.

“Veja tudo, de vários ângulos e sinta, não sossegue nunca o olho,
siga o exemplo do rio que está sempre indo, mesmo parado vai mudando”.

Autran Dourado

“Alguns dos nossos desejos só se cumprem no outro, os pesadelos pertencem a nós mesmos.”

Milton Hatoum

Abracei Nélide Piñon

Por Gabriel Chalita

A sexta-feira deixava claro que a semana já havia cumprido seu papel. Um frio desnecessário atravessava o início de novembro. E um sol me explicava que o belo mora no alto.

Antes de uma sopa, cheia de quenturas, sentei em uma poltrona e abri o mais recente livro de Nélide, *Um dia chegarei a Sagres*. Conheço a autora, há algum tempo, de textos e de ternuras. De comunhão com suas palavras e de admiração ao seu agir generoso no tema da humanidade.

Começo a leitura. Os olhos vão enxergando palavras que vão significando sentimentos. Um nascimento dorido. Um filho sem mãe. Um avô cioso de seu ofício de apascentar a vida. E a simplicidade banhada por ventos de antiguidade. O menino precisava partir. O chão da estrada seria parte de seu impulso valente em busca de um tal Infante. Um que morou no passado, e um outro que por ele se permitiu ressurgir, no meio do caminho.

No caminho de Nélide, não faltaram as tais pedras de Drummond. O braço alquebrado atrapalhou nos movimentos da escrita, os olhos com algum cansaço exigiram que a grande dama da literatura fosse escrevendo a mão. Como no passado. E, assim, as quinhentas páginas foram nascendo.

Nélide não é mulher de reclamos. Gosta da vida como quem assinou um contrato com a escritura da felicidade. E, se havia pedra no

meio do caminho, no meio da pedra encontrou Nélide caminhos tantos para dar curso ao seu romance. O viajante tem o nome de Mateus. O professor que palmilhou heroísmos em sua mente falou de Camões, de sua língua e de sua pátria.

Experimento a sopa e agradeço a quentura do dia. O livro fica comigo. Aguarda uma pequena pausa. E me acompanha noite adentro. Durmo depois de Mateus ter chegado a Sagres. E acordo com a curiosidade própria dos que amam uma história bem contada.

Mateus idealiza um amor. A tia forte, do amor idealizado, tranca o futuro dos dois. E um outro amor acontece no inusitado. E o desfecho é épico. As palavras dançam um som de Wagner, tão fortes, tão leves.

A manhã de sábado me acompanha até a volta a Lisboa. No almoço, como ovos com arroz e feijão, e couve refogada, e penso no desfecho.

Antes do despedir do dia, eu abracei Nélide ou o livro de Nélide ou a dignidade de Nélide. Quem é essa senhora que não tem medo de evocar, em um único livro, todos os sentimentos do mundo? Quem é essa escritora que elimina qualquer desnecessidade para que cada construção sintática se aloje na mente humana e cumpra o seu papel?

Ouçõ nos textos o seu sonho de um país sem radicalismos. Em que, das dores, brotem possibilidades. Em que as possibilidades se tornem concretudes. A literatura nos deságua sentimentos para que nos fortaleçamos de repertório, de compreensões, de vontade. Tenho a vontade de que mais leitores surjam, de que menos superficialidades abatem nossa razão. Tenho a vontade de um mundo sem violência, sem desrespeito, sem precipitações nos julgamentos.

O sol vai se despedindo mais uma vez. Amanhã, será domingo em mim e nas personagens de Nélide que pedem licença para permanecer. Eu autorizo. Será bom ficarmos juntos para espantar os frios.

Educação na pandemia

Por Roberto Boclin*

Não restam dúvidas sobre os males causados pelo coronavírus no mundo, abalos na saúde, na economia, nas atividades sociais, no turismo, enfim, algo surpreendente que transformou o ano de 2020 em período que nunca será esquecido.

No campo da educação, é um ano para ser abandonado. Os governos e os gestores não conseguiram encontrar caminhos, tanto no ensino virtual como no presencial.

É importante refletir sobre a pandemia considerando-a não como caso único, mas buscando em experiências análogas formas de enfrentar o inimigo, seja ele de que natureza for.

Vejamos o exemplo da segunda grande guerra quando, entre 1941 e 1943, países como Polônia, Noruega, França, Inglaterra, Rússia, entre outros enfrentaram a destruição de muitas cidades pela agressão da Alemanha nazista e da Itália. Como os países enfrentaram questões complexas em meio a invasões de soldados inimigos, bombas, artilharia, tanques, vale a pena considerar.

Senão vejamos, a Polônia, em meio às perseguições nazistas, criou a Educação Secreta, com aulas sem grade curricular, nos porões das residências de Varsóvia que, com o tempo, foram eliminadas pelos nazistas durante a perseguição aos judeus. A França destinou alguns recursos orçamentários para padres Jesuítas e Dominicanos ministrarem aulas não curriculares nas igrejas. Com a invasão alemã que tomou conta de Paris, sediando o comando alemão no Hotel Le Maurice, o melhor de Paris, o programa foi descontinuado. Em outros países, várias experiências

foram tentadas, mas sem sucesso. A Inglaterra usou espaços pequenos das fábricas para aulas e a Noruega buscou experiências locais.

No final da guerra, com a entrada dos EUA e a vitória dos aliados, as mulheres assumiram o controle e responsabilidade de promover o ensino às crianças, ainda que entre milhares de homens, mortos ou mutilados. Os novos gestores da educação decidiram retirar os anos de 1941 a 1944 do calendário escolar e recomeçar de onde haviam parado. Em poucos anos, tudo fora corrigido e aprimorado, atingindo novamente os elevados padrões de qualidade, hoje admirados pelo mundo.

Estudos recentes sobre a gripe espanhola também apontam os caminhos encontrados para promover a educação em tempos difíceis, como está revelado no livro de Heloisa Starling e Lilia Schwarcz, *A Bailarina da Morte*.

Voltando ao momento atual, no Brasil, a pandemia paralisou, de fato, as aulas regulares em 2020, e a expectativa é de que somente depois da vacina tudo poderá ser retomado. As demais tentativas de reabertura de aulas presenciais ainda são ações perigosas, do ponto de vista sanitário.

Resta, portanto, a providência de, ao final do ano de 2020, retirá-lo do calendário educacional. As atividades virtuais, com ampla utilização dos recursos tecnológicos e das mídias digitais, realizadas com sucesso, em algumas escolas de elite e nas residências das classes mais favorecidas, serão excelente apoio ao recomeço da nova vida escolar. Às escolas públicas, mais desfavorecidas, devem ser investidos recursos para atualizá-las tecnologicamente e, assim, abreviar o atraso dos seus estudantes. Não há outro caminho sem vacina.

*Roberto Boclin é doutor em Educação, membro da Academia Brasileira de Educação, presidente da Academia Internacional de Educação e diretor da Associação Brasileira de Educação. roberto.boclin@gmail.com

● **SAI EM JANEIRO**, pela Companhia das Letras, *Menino sem Passado*, o primeiro volume de uma série de memórias de Silvano Santiago.

● **FARSA DA BOA PREGUIÇA**, peça escrita em versos pelo saudoso acadêmico Ariano Suassuna, ganhou nova edição da Nova Fronteira, com ilustrações de Manuel Dantas Suassuna, filho do autor.

● **O ROMANCE *Ulpiana*** (Editora A Lápis), da acadêmica capixaba Bernadette Lyra, ficou entre os dez finalistas da edição 2020 do Prêmio Oceanos, concorrendo com 1.872 obras de diversos países.

● **EM EDIÇÃO AUTÔNOMA**, o célebre escritor e autor de novelas Aguinaldo Silva publicou *Vendem-se corações Desesperados*, livro em que mistura ficção e memórias vividas durante a pandemia.

● **A luta das mulheres por seus direitos e o envelhecimento feminino** alinham-se, entre outros temas, no livro *Sobre Femininos*, que a juíza Andréa Pachá e a professora Vilma Piedade estão produzindo, sob o selo da Editora Agir, para o primeiro semestre de 2021.

● **MULHERES QUILOMBOLAS** (Editora Jandaíra), organizado por Selma dos Santos Dealdina, reúne textos de 18 autoras, pesquisadoras, poetas e ativistas que nasceram em comunidades quilombolas do Brasil.

● **NAS 1.072 PÁGINAS de *Estas Verdades*** (Editora Intrínseca), Jill Lepore traça a evolução dos direitos civis nos EUA a partir de Thomas Jefferson, símbolo da defesa da democracia americana. A tradução é de André Czarnobai e Antenor Savoldi.

● **EM MARÇO**, a Editora Zahar publica, no Brasil, *Casta – as origens do nosso mal-estar*, da jornalista e escritora americana Isabel Wilkerson, ganhadora do Prêmio Pulitzer 2020.

● **PUBLICADO NOS EUA há dez anos**, *Percurso Livre Médio*, terceiro livro de poesia do americano Ben Lerner, chegou ao Brasil com tradução de Maria Cecilia Brandi, com o selo da Editora Jaboticaba.

● **SABORZINHO DO BRASIL** (Editora Bazar do Tempo), de Alice Granato, é o primeiro de uma coleção que passeia pelas cinco principais regiões do país, trazendo a cultura e gastronomia do Norte.

● **A ODISSEIA DE HOMERO Contada de Criança para Criança** é o quarto livro de Julieta de Andrade Süssekind, de apenas 8 anos. Feito à mão em origami, os 300 exemplares do minilivro trazem desenhos de Kammal João. Juju, como a autora mirim é conhecida, já publicou *Maracujato*, *Lago Primavera* e *Os Caçadores*, todos pela editora Livros do Serro.

● **O Cílio do Olho da Clara**, do produtor Felipe Simas, foi lançado com ilustrações de Luciana Grether, pela Editora Zit.

● **A ESCRITORA E roteirista de TV Angélica Lopes**, autora de 17 livros infantojuvenis, lançou *Nos Olhos de Quem Vê*, com texto em forma de versos e ilustrações de Fernanda Morais.

● **TA-NEHISI COATES**, vencedor do National Book Award com o livro de não ficção *Entre o Mundo e Eu*, retoma o discurso racial em seu primeiro romance. *A Dança da Água* chega ao Brasil pela Editora Intrínseca.

● **A ALMA PERDIDA**, da polonesa Olga Tokarczuk, ganhadora do Nobel de Literatura de 2018, foi lançada no Brasil pela Editora Todavia, com tradução de Gabriel Borowski.

● **LONGEVIDADE NO COTIDIANO**, da jornalista Mariza Tavares, lançado pela Editora Contexto, mostra como a humanidade ganhou, ao longo do século XX, um bônus de 30 anos de expectativa de vida.

● **EM ARRUAÇAS**, título lançado pela Editora Bazar, os professores Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino e Rafael Haddock Lobo apresentam histórias e encantamentos da filosofia popular brasileira, numa proposta contra a colonização das ideias.

● **O MESTRE DO terror Stephen King** lançou uma nova coleção de contos, publicada com tradução de Regiane Winarski pela Editora Suma, com 400 páginas.

FORMA E CONTEÚDO



● **NO LIVRO *Este é o Lobo*** (Ed. Pequena Zahar), o autor Alexandre Rampazo parte dos contos clássicos que têm o lobo como personagem para compor outra história.

● **LANÇADO PELA Editora Zit**, *O Menino que Perdeu o Ônibus*, escrito e ilustrado pelo designer e professor da PUC-Rio Guto Lins.

● **SEMPRE RAIA UM NOVO DIA**, da Ed. Harper Collins, organizada pela jornalista Rosana Hermann, traz, em 256 páginas, a biografia da diva dos palcos Claudia Raia.

● **O PAULISTA Igor Pires**, de apenas 25 anos, foi o autor mais vendido do país durante a pandemia, com 800 mil exemplares do livro *Textos Cruéis Demais para Serem Lidos Rapidamente*.

● **EDITORA DE LIVROS infantis**, referência na publicação de livros ilustrados, a Brinque-Book foi adquirida pela Companhia das Letras.

● **NA EDIÇÃO VIRTUAL da Feira do Livro de Frankfurt**, a Sextante apostou na compra dos direitos do livro *Lessons in Chemistry* (ainda sem tradução). Marca a estreia da americana Bonnie Garmus, consagrada diretora de criação, na literatura.

● **OS ARCOS DE VIOLINO** fabricados no Espírito Santo conquistaram o mercado internacional. Só este ano, foram exportados 25 mil arcos, movimentando cerca de 65 milhões de reais.

● **O PAPA É POP**, livro de Marcos Piangers, ganhará versão cinematográfica, protagonizado por Lázaro Ramos. A direção é de Caito Ortiz.

● **DIÁRIO DA QUARENTENA: 90 dias de fragmentos**, de Frei Betto, foi lançado pela Editora Rocco.

● **O CENTRO HISTÓRICO de Paraty** vai abrigar o Museu de Arte Naif, recém-fechado no Cosme Velho. À frente da iniciativa, a diretora Jaqueline Finkelstein.

● **PRECOCE**, última parte da "trilogia da paixão" (em conjunto com *Morra Amor* e *A Débil Mental*), da argentina Ariana Harwicz, será lançada pela Editora Instante, em 2021.

● **FIGURAM PARA o primeiro trimestre de 2021** as gravações do seriado *Fim*, da Rede Globo, baseado no livro homônimo da atriz Fernanda Torres.

● **A ARGENTINA Rita Segato** (69 anos), uma das mais importantes antropólogas da América Latina, terá sua obra publicada no Brasil, em 2021, pela Bazar do Tempo.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Conta errada

Alice, chamando o neto para entrar no brinquedo do parque de diversões: “Marcelo, é só três pessoas.”

E a concordância verbal, como fica?

Alice deveria ter dito: “Marcelo, **são só** três pessoas.”

Lima limoeiro

“Luísa queria cortar a lima usando uma lima.”

Não acho que a lima seja a ferramenta adequada, uma pequena faca seria melhor, de todo modo, a construção da frase está perfeita. Veja: Podemos ver a aplicação das **homônimas perfeitas** (grafia e som iguais, porém com significados diferentes).

Lima (ferramenta cuja lâmina metálica é lavrada de finas estrias dentadas, para, por fricção, polir, desbastar ou serrar um metal ou outro material duro).

Lima (Pequena árvore (*Citrus aurantifolia*) rutácea, cítreo; fruto da limeira).



Festa ruim

“Helena disse que não ia mas na festa de aniversário da sua prima.”

Não deve ir mesmo, escrevendo dessa forma.

Há muita confusão com o emprego das palavras **mas** e **mais**.

A conjunção adversativa **mas** possui sentido de oposição. Deve ser utilizada para criar relação de oposição entre duas orações. Como sinônimo de *porém*, *contudo*. Para acrescentar alguma informação necessária para o entendimento. Ex.: “Essa casa é muito bonita, **mas** está mal preservada.”

Já a palavra **mais** é advérbio, significando em maior quantidade ou intensidade. Deve ser utilizada para dar sentido de maior quantidade, maior intensidade. Para criar uma relação de adição. Antônimo de menos. Ex.: “Quanto **mais** eu rezo, **mais** assombração me aparece.” (ditado popular).

Frase correta: “Helena disse que não ia **mais** na festa de aniversário da sua prima.”

Noiva

Por Raquel Naveira*

Foi lindo ter-me vestido de noiva um dia! Eu era jovem e pensei: “Agora vou me tornar diferente, serei algo que não conheço, mas posso ser.” Ardi, tive medo, tremi, representei o papel de sedutora. E você foi fiador dos meus sonhos, não fugiu de mim, meu bem precioso.

Essa emoção reviveu dentro de mim ao assistir ao vídeo da noiva de Beirute. Ela estava radiante, perto do porto, envolta em rendas e espumas, fazendo um ensaio fotográfico. Um buquê de rosas amarelas foi colocado estrategicamente sobre o véu que despencava feito uma cascata. De repente, a explosão. Tudo voou na corrente de ar, naquele fim de outono. Ela teve a sensação de que iria morrer.

O poeta Fernando Pessoa (1888-1935), também num porto, olhando o mar de Portugal, exclamou: “– Quantas noivas ficaram por casar para que fosses nosso, ó Mar!” Mais melancólico do que isso, só mesmo aquelas que foram enterradas vestidas de noiva, virgens, com lírios entre os dedos ou que rolaram pelo abismo em seus cavalos, a caminho da igreja.

Vestir-se de branco no dia do casamento foi ideia da rainha Vitória (1819-1901), uma das monarcas mais icônicas da Inglaterra, que designou uma era. Apaixonada e feliz, casou-se com Albert de Saxe-Coburgo e Gotha, com um traje branco com bordados, um longo véu, coroa de flores de mirto e laranjeira, dando início a essa tradição de moda. Tiveram nove filhos. Ele faleceu subitamente, levado por uma febre de tifo. Ela passou mais da metade de sua vida viúva, toda de negro, luto fechado, isolada em seu castelo, em inconsolável tristeza.

Há outras noivas marcantes na história e na literatura, como, por exemplo, Marília. O livro Marília de Dirceu foi publicado em 1792, mesmo ano em que Dirceu, pseudônimo do poeta mineiro Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), partiu para o exílio em Moçambique. Deixou a noiva Marília, que de fato se chamava Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão (1767-1853), desolada. Dedicou a ela versos amorosos, de uma ternura comovida, espontânea, versos à sua “Marília bela”, sua “Estrela”, aquela que não veria mais o trabalho dos cativos de Minas Gerais, tirando granetes de ouro dos rios e das serras; que não veria mais as plantações de cana e tabaco, nem faria companhia ao seu amado enquanto ele, jurista brilhante, estivesse lendo os volumes dos processos e dos pleitos. O casamento estava marcado

Greve indevida

“O sindicato optou pela continuidade da greve.”

Não é justa essa reivindicação. Observe:

Continuidade refere-se à extensão de um acontecimento. Ex.: “Vamos dar **continuidade** ao projeto de governo.”

Continuação refere-se à duração de alguma coisa ou algo. Ex.: “É hoje a **continuação** da sessão?”

Frase correta: “O sindicato optou pela **continuação** da greve.”

Corrida sem sentido

“Amanda disse que era hora de correr atrás do prejuízo.”

Assim não vai ter lucro nunca! Pode-se e deve-se “**correr do prejuízo**”. A expressão “correr atrás do prejuízo” não faz nenhum sentido, já que ninguém corre atrás de algo ruim ou prejudicial. Também pode-se usar a expressão “**correr atrás do lucro**”.

Frase correta: “Amanda disse que era hora de **correr do prejuízo**.” Ou “Amanda disse que era hora de **correr atrás do lucro**.”

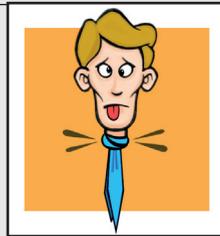
Gravata feia

“Se eu fosse você comprava essa gravata azul.”

Não vai conseguir pagar, escrevendo dessa maneira.

Preste atenção na correlação verbal. “Se eu fosse” é a conjugação do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo do verbo **ser**. Essa conjugação é usada com o Futuro do Pretérito do Indicativo do verbo **comprar** (compraria).

Frase correta: “Se eu fosse você **compraria** essa gravata azul.”



Muito tempo se passou

“Há dez anos atrás eu comprei meu apartamento.”

Cuidado com a redundância!

Não se usa na mesma frase “há” e “atrás”. O verbo **haver** impede a palavra **atrás** em seguida, sempre que for relacionado a tempo, à ação que já aconteceu, que já se passou. Há, entretanto, duas formas corretas: “**Há dez anos**” ou “**dez anos atrás**”.

Frase correta: “**Há dez anos** comprei meu apartamento.” ou “**Dez anos atrás** comprei meu apartamento.”

Previsão errada

“Os analistas preveram o tempo da crise.”

Não pode ser!

A conjugação do verbo **prever** segue a do verbo **ver** no Futuro do Pretérito do Indicativo, ou seja, se eles **viram**, o correto é **previram**.

Frase correta: “Os analistas **previram** o tempo da crise.”

exatamente para o dia em que ele foi preso por ser um membro da Inconfidência Mineira. No degredo africano, o poeta casou-se com a filha de um rico negociante. Já Marília esperou por ele até seu último suspiro, aos 85 anos, em profundo desgosto. Os restos mortais do poeta voltaram ao Brasil e ambos estão sepultados juntos, na antiga Casa dos Contos, em Ouro Preto.

Relato semelhante é o caso de Manoela de Paula Ferreira (1820-1903), a eterna noiva de Garibaldi. Manoela era loira, graciosa como um anjo de olhos azuis. Alimentou um amor impossível pelo guerrilheiro. Ele se encantou por ela, mas logo desistiu para não enfrentar a oposição da família e por estar envolvido com a Revolução Farroupilha. Na cidade de Laguna, ele conheceu Anita. Ela engravida e dá à luz um filho, Menotti. A corajosa Anita partiu para a Itália com Garibaldi. Morreu aos 28 anos, lutando pela unificação italiana. Manoela manteve-se fiel e solteira até a velhice, sublimando aquele amor não concretizado e trágico.

Désirée Clary (1777-1860), filha de um comerciante de sedas de Marselha, foi noiva de Napoleão. Um noivado quebrado quando ele se envolveu com a exuberante Josefina. Depois da desilusão, ela se casa com o Marechal Bernadotte e vem a ser futuramente rainha da Suécia. Mas, além dos homens, Désirée amava uma cidade: Paris. Não conseguia viver longe de suas pontes, de seus lampiões, das folhas secas na borda do rio Sena. Visitava o marido durante suas campanhas militares pela Europa. Enquanto isso, frequentava a corte de Napoleão com grande influência política e familiar, pois sua irmã Júlia era casada com José, irmão do imperador. Acompanhou o auge e o declínio do antigo noivo até a morte dele.

E, por falar em José, não podemos esquecer de Maria, a noiva judia, prometida, talhada, anunciada para mãe do Messias. Era noiva de José e apareceu misteriosamente gestando um fruto no ventre. José, aconselhado por um anjo, recebeu-a em sua casa como esposa, salvando-a do apedrejamento. Noiva sempre desejada.

As fotos de casamento nos fascinam. Debruçamo-nos sobre elas. Qual terá sido o destino desses noivos? Como se deram as bodas? As núpcias? Como selaram essa aliança? Com palavras? Com laços? Com sangue? Com liames de prata? Como tiveram coragem de entrar juntos num barco frágil, diante das atrozidades tempestades? Como puderam confiar numa aventura?

Meus olhos sempre marejam de lágrimas quando vejo uma noiva. Passaram-se tantos anos, mas sempre me delicio em lembrar que um dia fui tua noiva.

*Raquel Naveira é da Academia Sul-matogrossense de Letras.

**NÉLIDA PIÑON**

Nélida chegou a Sagres

A escritora Nélida Piñon lançou, no Rio, o seu novo romance, intitulado *Um Dia Chegarei a Sagres*. A propósito, ela concedeu a entrevista abaixo, no Canal Futura:

Arnaldo Niskier: Nélida Piñon é escritora, professora, tem muitos prêmios, inclusive internacionais, e acaba de lançar mais um romance, *Um dia chegarei a Sagres*. Por que esse romance depois do *Vozes do Deserto*, que fez tanto sucesso?

Nélida Piñon: Pouca gente sabe e agora comecei a contar. Em 2005, dando uma entrevista para a televisão portuguesa, a jornalista perguntou: “O que vai fazer depois?” Eu estava a caminho de Oviedo para recolher meu prêmio Príncipe de Astúrias. Eu disse que queria fazer um romance passado em Portugal, mas não mencionei Sagres, porque sabia que era uma chave muito privada que não queria, ainda, divulgar. Ela estranhou, mas queria demais fazer e tinha esse romance muito bem elaborado. Fui postergando por várias razões, porque sabia que, para fazer esse romance, precisaria ficar pelo menos um ano em Portugal.

Arnaldo Niskier: E foi o que aconteceu.

Nélida Piñon: Não pude fazer isso ao longo dos anos mais tarde, porque tinha meu cachorrinho, Gravetinho, que era muito rebelde e transcendente. Ele era grande e não poderia ir na cabine do avião, teria que pô-lo no porão. Nunca faria isso, porque ele podia até ter um problema cardíaco, então me sacrifiquei por ele. Quando ele morreu, pensei: “Agora é o momento de dedicar minha vida a esse romance.” Fui para Lisboa, fiquei um ano na capital e dali visitava e revia até as cidades que já conhecia. Por que fazia isso? Já tinha uma pesquisa profunda, sabia tudo do que precisava saber. Eu estava atrás das paisagens, porque as paisagens falam, murmuram, elas foram contempladas pelos grandes mortos de Portugal, que estudei do século IX até o XV. Visitava as paisagens, colhia os ruídos da língua portuguesa, mesmo a língua falada hoje eu conseguia ou tentava conseguir invadir esses ruídos e chegar ao português que teria havido lá longe. Como a língua evolui através dos sentimentos, das emoções do povo, sobretudo do povo, o povo lavrador? Me abasteci de tudo isso, tenho a impressão que fui feliz no sentido de ter correspondido ao que buscava.

Arnaldo Niskier: O livro é um espetáculo, acabei de ler, é um livro de mais de 500 páginas e foi uma atração permanente pela qualidade literária, pela qualidade do texto e pelo enredo. Fiquei curioso de saber por que você considerou esse um romance perigoso. Por que essa expressão?

Nélida Piñon: Perigoso para mim, porque estou enfrentando um universo que não é meu, universo português, embora ache que o Brasil tem muito mais dos ingredientes portugueses na sua cultura e na sua índole do que queremos supor. Acho que o Brasil é muito mais ibérico do que ele imagina, penso que ele não tem essa noção. A cultura, a antropologia toda aqui dentro, um palimpsesto riquíssimo que está no Brasil que veio também do mundo ibérico, dos imigrantes que chegaram ao Brasil. Sou grande defensora dos imigrantes. Então é perigoso, porque estou enfrentando uma odisséia nova de outro continente, de outra península, de outro país, por mais que ame este país desde menina. Perigoso, porque sabia que havia temas, sobretudo os temas sexuais, que trato no final e que vou moldando, porque percebo que o desejo humano não tem regra moral.

Arnaldo Niskier: Nesse livro que agora foi lançado, você aborda, vez por outra, a questão sexual, inclusive um romance aparentemente estranho entre Aquim, o africano, um negro muito bonito, segundo expressa o livro, e o nosso personagem que é o Mateus. De onde surgiu essa ideia?

Nélida Piñon: Primeiro, vamos aos primórdios do desejo do corpo. O que predomina no livro é o mundo lavrador, os camponeses sacrificados, repudiados pelo cetro, pelo trono, pela monarquia, sempre miseráveis, sempre pobres. Um mundo que, de certo modo, conheci na Galícia, só que conheci como menina, mas nunca perdi de vista a humanidade triste e melancólica do mundo camponês. Nesse mundo, a sexualidade tem muita importância, porque é um dos tesouros que você tem ao seu alcance e, além do mais, não vejo uma sexualidade com frescor, com juventude. Via sempre, no meu romance, que o Mateus e o avô Vicente desfrutavam de uma sexualidade como salvação. Era o que eles tinham à disposição deles, tanto que você vê que Mateus tem um ímpeto sexual muito forte, muito violento e de que ele se arrepende, não é feliz com sua sexualidade. Não quer dizer com isso que fosse gay, não. Ele buscava, talvez na sexualidade, um dos recursos da sua identidade portuguesa.

Arnaldo Niskier: Ele foi enamorado praticamente a vida toda pela Leocádia, mas não foi feliz nessa paixão.

Nélida Piñon: Mas, por outro lado, abre-se diante dele quase que uma provocação de um continente novo. A África era linda, cheia de vida, e ele era triste. O avô era triste. Ele perdera a vizinhança do Minho, tem uma vida triste. Mateus foi um peregrino na terra de certo modo. Ele não tinha compensações senão do sexo fugaz...

Arnaldo Niskier: Seus personagens, como bons portugueses, eram tristes, como triste é o fado de modo geral. Explique melhor isso, você que é de origem espanhola.

Nélida Piñon: Portugal é um país que tem uma história extraordinária. Pouca gente a conhece. Se você percorre a trajetória portuguesa desde seus primórdios, vamos, por exemplo, dizer desde o século XIV, XV, você se depara com sortilégios, com uma riqueza, com uma audácia sem limites. É um povo, aquela parte que era vizinha do Atlântico, que se despojava de qualquer coisa para se lançar à aventura do mundo. Se você pensa o que eles fizeram, lançando-se nos mares onde supostamente havia monstros, correntes fatídicas... Acho que Portugal inventou uma outra imaginação para o mundo. É isso que quero dizer. Uma outra maneira de inventar as coisas, dar nome às coisas, de criar extravagâncias narrativas. Os portugueses o fizeram. Sempre me impressionei muito com o Cabo Bojador, porque ninguém conseguia passar...

Arnaldo Niskier: Você cita o Bojador várias vezes. Isso é influência de Camões?

Nélida Piñon: Camões, mas, sobretudo, da figura de um ajudante ou um timoneiro, que trabalhava como braço direito do infante, que era Gil Eanes. Esse cidadão vai na primeira viagem, primeira tentativa dele de dominar esse cabo. Caso fosse possível vencer esse cabo e fosse além, significava que existia terra além e que talvez pudessem chegar adiante, que é a conquistista do mundo. Ele vai numa nau pequena, miserável, a primeira tentativa. Não consegue. É uma coisa terrível. Você pode imaginar? Eu dormia pensando nessa primeira viagem. Ele se prepara outra vez, naturalmente estimulado pelo Infante, que devia exigir isso. Ele vai e consegue vencer, superar os limites sem destroços, sem ter perecido no cabo. Esse cabo, realmente, é uma coisa que pode-se dizer: antes do cabo e depois do cabo. O mundo é dividido pelo cabo. As figuras que vou compoendo, muitas vezes, não posso explorar demasiadamente, porque senão seria um outro

romance, mas essas figuras estão presentes no imaginário do camponês Mateus. Ele ganha um alento, sente que talvez a salvação, a redenção dele é admitir que é de uma nação, porque digo o seguinte: o país é pobre, mas, quando você tem uma nação, você tem um outro país dentro da nação. Ele se apegava à grandeza do Infante para sobreviver. Ele, como toda sua gente, era muito triste, o pão era muito difícil, eles quebravam as mãos no arado. Antes não havia arado, era enxada. Quando menina, na Galícia, me permitiram que empurrasse o arado, eu levava as vacas ao monte, debulhava as espigas de milho. Ao debulhá-las, quando aparece uma espiga vermelha, você está autorizada a exigir um beijo de quem você quer.

Arnaldo Niskier: Vou procurar onde tem essa espiga. Você também trata, como uma rainha que é da literatura, de forma extraordinariamente simpática o Infante Dom Henrique. Por que essa escolha pelo Infante Dom Henrique? Você cita muito esse herói no seu livro. O que atraiu mais na figura dele o seu interesse?

Nélida Piñon: Ele amparava o ideário modesto, não do Vicente, do Mateus, ou seja, de certo modo o Infante permite que o povão, que o lavrador modesto quase analfabeto tenha uma utopia. Sou uma defensora das utopias dos pobres, utopia não pode ser só dos ricos, dos poderosos. Não, utopia pode ser a construção de um polo... Camões perpassa também o romance. Como é que você pode falar de Portugal sem, de algum modo, abordar Camões? Camões fala da íclita geração. Quem forma? São os filhos de Dom João e da Lencastre, da inglesa que vem se casar com o rei bastardo. Esses irmãos são brilhantes e um deles é o Dom Henrique, não é o herdeiro do trono. Ele tem um fracasso terrível, em Ceuta, que o massacra para sempre e tem uma dor que vai acompanhá-lo até o final da vida. Imagino, interpreto essa dor, porque ele, de certo modo, aceita, entrega o irmão, Dom Fernando, para o mundo árabe e vai para uma prisão terrível onde ele morre. Ele vai ter esse problema na consciência por ter sido, de algum modo, não o carrasco, mas ele traiu o irmão.

Arnaldo Niskier: Queria que você falasse um pouco da Escola de Sagres.

Nélida Piñon: Disse aqui para você poder ver como ele estava cercado de títulos e poderes. Após a derrota de Ceuta, Dom Henrique quer conquistar o mundo. Ele sabe, ele intui, de forma extraordinária, que há um universo além daquele território pequeno. Ele, então, sedia ali em Sagres, que é um local absolutamente extraordinário, visitei algumas vezes...

Arnaldo Niskier: Grandes cientistas nasceram e se desenvolveram na Escola de Sagres.

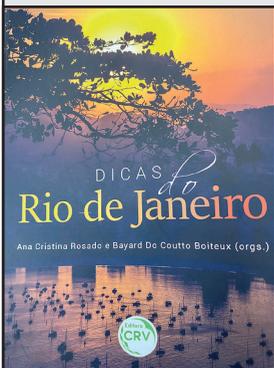
Nélida Piñon: Foi uma solicitação dele, ele que os convocava, ele que fez tudo isso, ele tinha uma vocação para grandeza única e, ao mesmo tempo, não aceitava qualquer obstáculo. A sensação, no romance, é de que ele estava aguardando redivivo, como se voltasse, fosse um ressurrecto, que o pobre Mateus, o camponês, chegue para lhe passar, de algum modo, o bastão da grandeza de Portugal. Essa região tem um promontório extraordinário. Acho que há um fenômeno ali que explica por que conseguiram lançar as naus nas águas atlânticas, que é o vento, é um vento inóspito, mas poderoso. Então o vento era propício às navegações. O Infante, que está em Camões, é muito original num detalhe que chama atenção do Mateus. Ele nunca se casou, nunca teve filho, não deixou uma linhagem, ou seja, era um solitário, não sabemos das histórias amorosas dele, como do Mateus sabemos pouco também, era um solitário. Tanto que você vê que o Mateus, depois do fracasso dele em Sagres, que não sabemos senão no final do livro, só o final do livro explica o que aconteceu em Sagres, que o fez fugir de Sagres. Ele se torna um marinheiro do mundo, chega a passar pelo Brasil... Ele fica impressionado com a escravidão, mas só vai descobrir no final da vida, mas é muito rápido, que o Infante também negociou com o tráfico. Isso o deixou desesperado, mas ele já tinha muita idade. No final do livro, há uma esperança, uma porta aberta para ele, que é a figura da Amélia.

Arnaldo Niskier: Quero, finalmente, dizer que você produziu mais uma obra-prima. O livro *Um dia chegarei a Sagres* é muito bem-feito, muito bem construído, muito bem escrito. Tive um prazer imenso, nesses tempos de pandemia, de ler o livro do começo ao fim com um prazer indizível. Parabéns, Nélida Piñon.

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



DICAS DO RIO DE JANEIRO

A antologia *Dicas do Rio de Janeiro* (Editora CRV, Curitiba 2020), organizada por Ana Cristina Rosado e Bayard Do Couto Boiteux, reúne 45 textos de membros da Associação dos Embaixadores do Turismo do Rio de Janeiro. Os relatos apontam não só para locais de visitação turística, como, principalmente, para experiências em torno da diversidade turística e cultural carioca, envolvendo os afetos, prazeres e admiração dos autores pelos caminhos de um Rio de encantamento, que não se descreve: se inscreve no imaginário de todos. Na introdução, o objetivo dos organizadores é apontado: “O estado do Rio de Janeiro é um conjunto de cidades maravilhosas, já dizia Elycio Pires quando foi Secretário de Estado de Turismo. Ao compilar várias experiências e relatos num livro, procuramos apresentar ao leitor não só a oferta turística e cultural, mas alguns cases de sucesso que podem servir de benchmarking. Nesta obra, idealizada pela Associação dos Embaixadores do Rio, esperamos que você fique atraído por outras opções de comercialização do local e entenda a riqueza das convencionais. Desejamos, também, uma ótima viagem dentro do estado e que a alegria dos textos o contagie para descobrir novas vertentes de prazer e emoção.” Os textos dos 45 autores, assim como os cantos e encantos do Rio, são bastante variados, passando desde Bangu, Barra da Tijuca, Ilha da Gigoia, Penhasco Dois Irmãos, Pico da Tijuca, passando por Ipanema, Copacabana, Catete, Largo do Boticário, Corcovado, Cristo Redentor, Theatro Municipal, Região portuária, seguindo por Paraty, Niterói, Búzios, Campos, Vale do Café, Valença e tantas outras trilhas, preciosidades, cantos e encantos do Estado. Ana Cristina Rosado e Bayard do Couto Boiteux são professores universitários. Jornalista, Ana Cristina é assessora de imprensa da Auddas, da Associação dos Embaixadores de Turismo do Rio e do Instituto Preservale. Além de escritor, com 37 livros publicados, Bayard Boiteux é voluntário do Instituto Preservale e vice-presidente executivo da Associação dos Embaixadores de Turismo do Rio, entre outras ocupações.

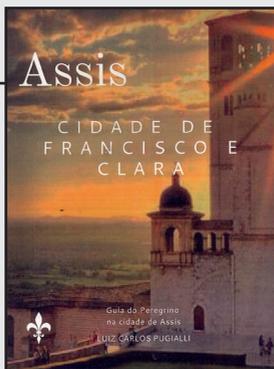
SAMUEL WAINER – O HOMEM QUE ESTAVA LÁ

Um dos mais influentes e poderosos personagens brasileiros do século XX é retratado na obra *Samuel Wainer: o homem que estava lá* (Companhia das Letras, 2020), de Karla Monteiro. Com amparo em dezenas de entrevistas e algumas fontes inéditas, a jornalista mineira equilibrou as ambivalências do seu biografado, num trabalho de fôlego que resultou numa engenhosa narrativa. Na consistente pesquisa, ao longo de 584 páginas, ilustradas com fotos históricas, é traçada, sem benevolência no relato, a trajetória de Samuel Wainer (1912-1980) e de sua conturbada carreira à frente do jornal *Última Hora*. A obra descreve, com riqueza de detalhes, decisões impiedosas, ações interesseiras, frieza e vaidade. Defeitos que, tanto quanto as virtudes, dão consistência humana ao personagem. Wainer foi dos maiores nomes da imprensa brasileira de todos os tempos. Fundador da cadeia de jornais UH, transformou a indústria da notícia no país. Professando a crença de que a imprensa deveria ter lado – no seu caso, o do trabalhismo –, enfrentou inimigos poderosos num contexto de extrema polarização ideológica, mas também foi amigo íntimo de presidentes, generais, ministros e empresários, relações das quais sempre tirou proveito. Karla Monteiro nasceu em Diamantina, Minas Gerais. Formou-se em jornalismo pela PUC-Minas, trabalhou nos jornais *Estado de Minas*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* e nas revistas *Vêja*, *TRIP/TPM*, entre outras. É autora de *Karmatopia: uma viagem à Índia* e coautora de *Sob Pressão: a rotina de guerra de um médico brasileiro*. *Samuel Wainer: o homem que estava lá* é seu primeiro livro pela Companhia das Letras.



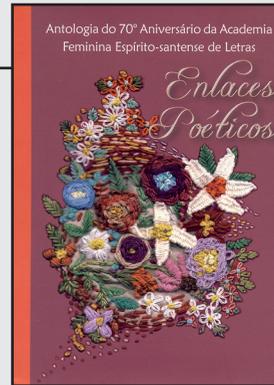
Assis

Assis: Cidade de Francisco e Clara, de Luiz Carlos Pugialli, editado pelo CINPer Brasil (Centro Internacional e Nacional de Peregrinações) vai além do objetivo de servir como um guia do peregrino na cidade de Assis, como antecipa o subtítulo. Ao longo de 50 páginas, o leitor se depara não só com dicas de viagem, locais para visitação, restaurantes e templos do grandioso patrimônio artístico e arqueológico, como também é levado a conhecer a história, as orações, os mitos e as lendas que envolvem uma das mais bonitas cidades da Umbria, na Itália. Conhecido, principalmente, por ser o lar que abrigou São Francisco (fundador da Ordem dos Franciscanos) e Santa Clara – santos reverenciados pelos católicos – o pequeno vilarejo atrai, por ano, milhares de fiéis e turistas de todas as religiões e partes de mundo. O livro é dividido em 22 capítulos, ricamente ilustrados com fotos de Bruno Freitas, que vão desde a Estação de trem de Assis, passando pela Basílica de Santa Clara, caminho da casa dos pais de Francisco, Catedral de São Rufino, Templo de Minerva, Basílica de São Francisco até a Basílica de Santa Maria dos Anjos, o sétimo maior santuário da Igreja Católica, com 126 metros de comprimento e 65 de largura. *Assis: Cidade de Francisco e Clara* é o quinto volume do Projeto Evangelizar, da Coleção CINper, que inclui *O Fascínio do Homem de Branco* – três papas, um santo, uma experiência de Fé; *Terra Santa* – eu vi, vivi e revivi; *Eis-me Aqui* – guia do peregrino nos Santuários, Brasil de Muitos Santos; *Roma dos Santos*; *Mártires e Cidades Italianas*, todos assinados por Luiz Carlos Pugialli. Comendador da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém, o autor é coordenador do CINper há 34 anos. Durante o Ano Jubilar de 2000, Pugialli trabalhou no Vaticano, coordenando os grupos de peregrinos de língua portuguesa.



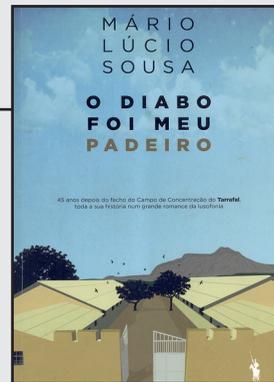
ENLACES POÉTICOS

A antologia *Enlaces Poéticos* (Editora Jordem, 2020) é uma homenagem às escritoras capixabas, em comemoração ao septuagésimo aniversário da Academia Feminina Espírito-santense de Letras. A obra conta com a colaboração de acadêmicas efetivas e correspondentes, reunindo textos expressivos sobre o legado das pioneiras, com uma retrospectiva das contribuições feitas pelas mulheres à cultura do estado, bem como uma visão panorâmica da presença da mulher na arte de escrever. O tema dos escritos é bastante abrangente e significativo: “A condição da mulher na sociedade.” A apresentação dos trabalhos é feita em ordem alfabética e conta com a foto e minibiografia de cada autora. No fim, há a transcrição da ata da sessão preparatória da fundação da AFESL, em 1949. Além dos discursos de posse das novas acadêmicas correspondentes, Maria Inês de Moraes Marreco e Manoela Ferrari, empossadas no Dia Internacional da Mulher, em março de 2020. No prefácio, a escritora Maria do Carmo Schneider destaca a união das escritoras capixabas em torno de um mesmo ideal, não medindo esforços, através dos tempos, para que suas vozes sejam ouvidas: “Qualquer que seja o estilo, o tema, ou o texto produzido, é a alma e o coração que falam. Cada uma coloca a sua cor, o seu tom, como se estivesse bordando a vida, pois a poesia é tudo o que há de íntimo em tudo. *Enlaces Poéticos* é o bordado que fazemos da vida, usando o sonho como fio condutor da nossa obra, pois, na tessitura da vida, o sonho é o fio, fio esse que alicerça e vem alimentando nossa AFESL há setenta anos.” No texto introdutório, a vice-presidente da AFESL, Ester Abreu Vieira de Oliveira, destaca “A presença da mulher na arte de escrever”: “As mulheres são sensíveis à harmonia das palavras, mas sua bravura a coloca em ação.”



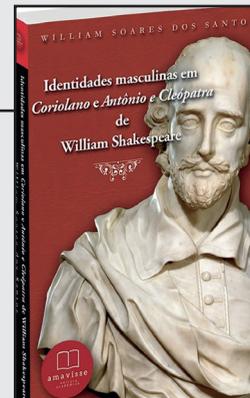
O DIABO FOI MEU PADEIRO

Em *O Diabo foi meu Padeiro* (Ed. D. Quixote, 2019), Mário Lúcio Sousa toma a voz de prisioneiros da Colônia Penal do Tarrafal, na ilha de Santiago, em Cabo Verde, para homenagear os que ali perderam a vida e os que sobreviveram aos horrores, 45 anos depois do encerramento da prisão. A colônia Penal do Tarrafal foi criada durante o Estado Novo, em 1936, com 150 prisioneiros políticos, que viviam em condições precárias. Sujeitos a tortura, quase sem água, privados de higiene e, muitas vezes, doentes. Nas 326 páginas da obra, o autor não apenas busca uma estética forte, mas apresenta uma narrativa veemente, que os livros de história não mostram, desnudando a realidade tanto como prioridade quanto como necessidade. É uma experiência real, que contribui com ação e voz, resultando num grande romance da lusofonia. Mário Lúcio Sousa nasceu no Tarrafal, na ilha de Santiago, Cabo Verde, em 1964. Licenciado em Direito pela Universidade de Havana, foi deputado no Parlamento Cabo-Verdiano e Embaixador Cultural do seu país antes de se tornar, em 2011, ministro da Cultura de Cabo Verde. Condecorado com a ordem do Vulcão, ao lado de Cesária Évora, foi o artista mais jovem a receber tal distinção do presidente da República. Compositor e multi-instrumentista, fundou e lidera o grupo musical Simentera. Com vários livros editados, entre eles, *Biografia do Língua*, *Os 30 dias do Homem mais Pobre do Mundo* e *O Novíssimo Testamento*, o ex-ministro já recebeu diversos prêmios literários, como o Prêmio do Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa (em 2003), o Prêmio Literário Carlos de Oliveira (2015), o Prêmio Literário Miguel Torga e o Prêmio do PEN Clube para a Narrativa.



IDENTIDADES MASCULINAS

A obra *Identidades Masculinas em Coriolano e Antônio e Cleópatra de William Shakespeare* (Ed. Amavisse, 2020) é uma versão revista e ampliada da pesquisa desenvolvida pelo autor em sua dissertação de mestrado no Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada do curso de Pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. A tese, iniciada em de 1998 e defendida em abril de 2002, foi conduzida sob a orientação da professora Dra. Marlene Soares dos Santos, na época, Professora Titular de Língua Inglesa do Departamento de Letras Anglo-germânicas e, hoje, professora Emérita da UFRJ. O autor escolheu trabalhar com duas peças romanas de Shakespeare – *Coriolano* e *Antônio e Cleópatra* –, ilustrativas da centralidade do universo masculino na tradição do ocidente. Ambas focalizam o mundo romano, um dos pilares da cultura ocidental, tendo como base principal instituições políticas e militares comandadas e geridas por homens. Em torno da figura de Coriolano, é apresentado o tema da construção da identidade masculina. A história desse personagem é bem representativa de como os homens são construídos, até os dias atuais, para se comportarem de um modo bem específico dentro da sociedade. A relação com a mãe é um dos pontos-chaves de sua trajetória. Na ausência do marido, ela molda o filho através de uma concepção extremamente rígida do conceito romano de masculinidade. Quanto a Antônio, homem maduro e poderoso, um dos membros do triunvirato romano e um dos representantes máximos do patriarcado, no momento retratado pela peça de Shakespeare, tem a sua masculinidade reconstruída devido ao seu envolvimento com Cleópatra e à sua afinidade com o modo de vida egípcio. William Soares dos Santos nasceu no Rio de Janeiro, em 1972. É graduado em Letras (português e italiano) e mestre em Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e doutor em Estudos da Linguagem pela PUC-RJ. Publicou, entre outros, o livro de contos *Um Amor* (2016), além de *Poemas da Meia Noite (e do meio dia)* (2017), *Raro (poemas de Eros)* (2018), *Três Sóis* (2019) e *Memórias de um Triste Futuro* (2020). É membro titular do Pen Clube do Brasil.



Aprisionada pela memória

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira*

O mar se descortina
num calmo combate
com as claras areias.

A visão de sua ondulante superfície,
dos pescadores na areia
e dos navios ao longe,
longe de dar-me calma à alma
faz nascer
um mar de lágrimas
e de tenebrosos furacões
derrubando a pretensa vontade de vencer,
a terrível maratona
que a vida me organizou.

Ouvindo o ruído das vagas e
do próprio sangue jorrando em turbilhão,
peço ao justo Deus clemência
por estar viva em uma morte viva.

Viver!
Viver sem ser e ser sonhada,
enquanto o mar se agita,
é um irmanar a Tântalo...

Ah! Pobres dos naufragos da vida que, como eu,
vendo o mar retomar seu eterno ritmo,
recomeçando sempre,
não o imitam e se sucumbem à dor!...

Sísifo em sua ação,
o mar nos dá a grande lição da força tenaz de reiniciar...
Mas...
Tem o mar memória?

Vá rever as flores

Por Marilena Soneghet* (Do livro *Nas Asas do Vento*)

Não fique aí

A dondolar a dor
nessa boca de cantos caídos.

Vá saltar os muros
vá rever as flores
vá de pés descalços
que o sol do estio
com seu bafo quente
despeja manhãs de ouro
sobre as margaridas.

*Marilena Soneghet é membro da Academia Feminina
Espírito-santense de Letras.

Por que choro?

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira*

No século XV, Diego López de Haro
Em um lamento versejou:
“no lloro por los amores
bordados de disfavores
nacidos para olvidar”.

Por que choro
se
as lágrimas que tenho vertido,
os soluços desprendidos
de meu peito dolorido
creio ouvi-los
no jorrar do temporal
no uivar do vento
no rugido do mar?

Por que choro
se
no mar,
no céu,
no ar
palpita a minha dor,
enquanto a terra guarda
a incógnita do silêncio?

Por que choro
se
a dor se reflete no cosmo
e não mais me pertence?

Se no éter a dor se diluiu,
esqueçamo-la.

Então, por que choro?

*Ester Abreu Vieira de Oliveira
é presidente da Academia
Espírito-santense de Letras



Taj Mahal

Por Danilo Gomes*

Confesso de público minha grande admiração pelo Taj Mahal, que considero uma das mais belas construções do mundo. A Unesco fez-lhe justiça, declarando-o Monumento Cultural da Humanidade. É um esplendor de beleza, o principal cartão postal da Índia. O cartão-postal da Índia por excelência.

Mas vamos por partes, saboreando devagar essa perfeita maravilha, esse alumbramento que encanta os estetas do mundo inteiro. O palácio-mausoléu recebe – em tempos normais – cerca de sete milhões de visitantes por ano, dos quais três milhões são estrangeiros.

De Nova Délhi, capital da Índia, a Agra, a viagem de avião (que nunca fiz, nem mais farei) dura 40 minutos. Agra é a antiga capital do Império Moghul. Baber, o Grande, descendente do terrível Gêngis Khan, invadiu a Índia em 1526, ali estabelecendo a dinastia Moghul, de sangue mongol, portanto. A Mongólia aumentava seus domínios além das estepes. Os invasores professavam a religião islâmica (ou muçulmana) e sua língua e cultura eram persas. Consta que o Moghul foi um império de glória e de elegância, apesar das truculências guerreiras.

É em Agra que fica o sedutor monumento que pranteia a morte e, ao mesmo tempo, celebra a vida feliz que passou.

O xá (imperador) Jahan foi o 4º monarca daquela dinastia de origem mongol e de cultura persa. Nasceu em 1592 e morreu em 1666. De suas quatro mulheres, a favorita era Arjumand Begum, que se tornaria imortal com o nome de Muntaz Mahal, que significa “orgulho do palácio”, pois era bela, inteligente, boa conselheira do marido e querida do povo por sua caridade. Morreu por complicações no parto do 14º filho, em 1631. Tinha apenas 39 anos de idade.

Desolado, inconsolável, o imperador apaixonado entregou-se às lágrimas e à solidão. Deixou de usar as vestes reais e nunca mais abandonou o luto. Ordenou que se construísse um túmulo para sua bem-amada, com a seguinte instrução: “Que não seja fúnebre, pois deverá celebrar a curta vida de um amor. A sua beleza e graça haverão de recordar eternamente a mulher, sem envelhecer. Será um sonho de mármore edificado na fronteira delicada entre o real e o irreal, como a própria paixão.”

Ele queria um monumento suntuário, de rara e original beleza.

E assim aconteceu. Os arquitetos foram os persas Ustad Isa e seu discípulo Ustad Ahmal. As formas do minarete são claramente muçulmanas, ára-

bes; as cúpulas obedecem a um desenho asiático trazido pelos moghul; os motivos decorativos são flores geométricas e flores persas. Segundo os historiadores e exegetas, o que há de mais hindu no deslumbrante monumento são o mármore branco e a estranha forma de pequenas torres que foram colocadas em torno da cúpula principal.

Durante 17 anos, milhares de operários trabalharam sob a orientação dos melhores artesãos da Índia, Pérsia e Afeganistão. Tamanha perfeição estética custaria, hoje – discorrem os entendidos – cerca de 100 milhões de dólares.

O mármore veio do Rajastão, hoje um estado indiano que faz fronteira com o Paquistão. Os 43 tipos diferentes de pedras foram levados do Tibete, China, Pérsia e Rússia.

Com detalhes de marfim e contendo pedras preciosas incrustadas nas paredes, esse palácio constitui um imenso túmulo de mármore branco de perfeitas proporções, para abrigar o corpo de uma mulher muito amada. Os poetas o denominam “um sonho em mármore”.

O monumento ficou pronto em 1648 e é composto por três cúpulas, quatro torres laterais e um belo espelho d’água frontal. É o túmulo mais bonito e suntuoso do mundo. Uma abóbada cobre o centro da construção. Trechos do *Alcorão* – o livro sagrado dos muçulmanos – ornamentam a parte externa.

O palácio tumular está no meio de um jardim, onde a água dos lagos artificiais – o espelho d’água – reflete o esplendor de uma obra-prima.

Jahan ainda planejou erguer uma construção semelhante para abrigar seu próprio corpo após a morte. Um dos filhos do imperador apossou-se do trono, pela força das armas, depondo-o. E quando o velho monarca morreu, sepultaram-no ao lado de sua amada Muntaz Mahal, ou Arjumand Begum. A morte os separou, a morte os uniu novamente, num movimento pendular entre Eros e Tânatos.

Uma construção como essa, de tamanha e tão delicada magnificência, de tirar o fôlego da testemunha ocular; uma graciosa câmara mortuária em feição de palácio, como essa, não poderia deixar de constar, como verbete, do livro best-seller mundial *1.000 Lugares para Conhecer Antes de Morrer*, que tenho à cabeceira da cama, como um vade-mecum.

Sua autora é a americana Patricia Schultz e a tradução aqui no Brasil é de Cláudio Figueiredo e Pedro Jorgensen Filho, para a Editora Sextante, Rio, 2006. A edição brasileira ocupa 729 páginas em letras miúdas.

Sim, é claro, lá está o Taj Mahal, nas págs. 601 e 602, onde a autora declara que o monumento é “a encarnação da elegância e do romance, do equilíbrio e da simetria, um ícone arquitetônico há três séculos e meio venerado como o mais belo edifício do mundo”.

E aduz: “O xá Jahan, grande soberano muçulmano da dinastia mogul, mandou construir o Taj Mahal inteiramente com mármore branco, como monumento funerário em honra à sua adorada rainha Muntaz Mahal, que morreu ao dar à luz o décimo quarto filho do casal em 19 anos. Um desses herdeiros acabou depondo Jahan, que foi aprisionado no Forte Agra, situado nas proximidades. De seus aposentos, ele podia admirar o Taj Mahal e chorar a perda de sua mulher e de seu império.”

Em seguida, a autora fornece informações turísticas sobre o local, onde se estabeleceu o sofisticado Hotel Amarvilãs, termo sânscrito que significa “céu eterno”. Patricia Schultz informa ainda que o local, em Agra, fica a 198 km de Nova Délhi, a 3 ou 4 horas de carro ou ônibus e a 2 horas no luxuoso trem Taj Express.

E aqui, benévolos leitores, termina a história dessa paixão imortal. Parece um conto das *Mil e Uma Noites*, narrado ao sultão pela linda Sherazade, sob o céu de Bagdá. Só não termina a glória de Jahan e Muntaz. Eles permanecerão juntos até o final dos tempos e o Taj Mahal continuará sendo o esplendor dos esplendores construído pela mão do homem. Louvado seja o Altíssimo, que preserve pelos séculos dos séculos esse poema de amor em mármore e ouro.



*Danilo Gomes é da Academia Mineira de Letras.

Livros e arte na Casa Roberto Marinho

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Fotos: Divulgação

Até o dia 31 de janeiro, o público poderá apreciar duas exposições imperdíveis na Casa Roberto Marinho (CRM), reaberta em setembro, após cinco meses fechada por causa da pandemia.

Amostra Enquanto, no andar térreo, reúne a produção inédita de três artistas consagrados (Carlos Vergara, Luiz Aquila e Roberto Magalhães), realizada durante o período de isolamento social, a partir da série on-line “Conversas na Casa”, que o diretor Lauro Cavalcanti comandou. O resultado são 50 obras de vertentes variadas, em diferentes suportes (pintura, desenho, fotografia, colagem e livro).

O espaço expositivo inclui vídeos curtos, editados pela equipe da Casa, acerca da produção de cada artista e do dia a dia no ateliê, durante a quarentena. As imagens surgem do acervo de 27 entrevistas com artistas, críticos, curadores, galeristas e historiadores realizadas durante (a série) “Conversas na Casa”. O conjunto de depoimentos de expoentes como Beatriz Milhazes, Angelo Venosa, Anna Bella Geiger, Regina Silveira, Maria Bonomi e Raul Mourão – além de críticos, professores e curadores, como Paulo Sergio Duarte, Paulo Venancio Filho e Felipe Chaimovich – integra o catálogo da Enquanto. A mostra oferece, ainda, um espaço interativo exclusivamente dedicado a estas entrevistas, com tecnologia QR Code (o conteúdo também pode ser acessado através do site do instituto).

Cavalcanti comenta que selecionou os artistas “como exemplos da transcendência, da necessidade básica e importância da arte para nos ajudar a entender e superar tempos tão difíceis”. E completa: “A leitura, o fazer artístico e a solidariedade reencontram-se mais fortes nesta mostra de reabertura da Casa Roberto Marinho.”



Celebrando as mais diversas expressões da arte gráfica no Brasil, no andar superior, o público poderá caminhar entre “Livros e Arte”, com curadoria de Leonel Kaz. A exposição reúne 149 trabalhos de nove artistas contemporâneos, em diálogo com obras gráficas de raro preciosismo. Sula Danowski assina o projeto cenográfico e o design. Cada sala é consagrada a um artista e os livros exibidos revelam o envolvimento físico deles, num processo extremamente artesanal.

A mostra parte de livros organizados pela UQ! Editions – parceria editorial entre Kaz e a designer Lucia Bertazzo – em publicações plásticas e/ou conceituais, acerca das obras de Antonio Dias, Ferreira Gullar, Frans Krajcberg, Leo Batistelli, Luiz Zerbini, Paulo Climachauska, Pedro Cabrita Reis, Roberto Magalhães e Wanda Pimentel. Os trabalhos propõem um diálogo entre as obras gráficas e pinturas (sobre diferentes suportes), esculturas, desenhos, monotípias, fotografias, vídeos e instalação.

Lucia Bertazzo explica que os projetos da UQ! são adaptações da linguagem de cada artista em formato editorial: “O processo parte sempre de uma conversa, em que nada está pré-estabelecido, e os exemplares resultam dessa concepção parceira. É quase uma forma de pintar livros com os pincéis dos artistas.”

Livro-gaveta, livro-janela, livro-objeto, livro-escultura: os exemplares apresentados na mostra são, em si mesmos, peças de arte. O experimentalismo das publicações revela um percurso artístico muito variado, com técnicas múltiplas de impressão, encadernações primorosas e materiais que vão do bambu ao aço, passando pela cerâmica e pelo acrílico.

Extraídos da bananeira, vindos da China, de Nova York ou da Guatemala, os papéis são um capítulo à parte, exaltando a singularidade de cada edição. Os híbridos de livros e obras de arte desafiam a forma e se materializam em versões surpreendentes.

Diretor da Casa Roberto Marinho, Lauro Cavalcanti observa que o instituto reabre seus espaços com a mostra alicerçada em duas grandes paixões de seu patrono: livros e arte. “Esta relação está no DNA da Casa”, revela.

Um detalhe interessante: luvas descartáveis estão sendo distribuídas para que o público de leitores-espectadores possa manusear, com toda a segurança, os livros, verdadeiros objetos de experimentação, com poéticas e discursos múltiplos. “Essa arte ao alcance das mãos permite uma relação tátil e sensorial”, afirma o curador Leonel Kaz. Exposição interativa nesses tempos de pandemia é coisa rara. Vale à pena conferir (e interagir!).



Edição de Luiz Zerbini na exposição “Livros e arte”.
(Foto: Nana Moraes)

Conjunto de Ferreira Gullar na mostra “Livros e arte”: uma sala para cada artista, na Casa Roberto Marinho.
(Foto Nana Moraes)





Trabalho de Luiz Aquila, Enquanto Lília e Vania tagarelam, 2020.
(Foto: Jaime Acioli)



Trabalho de Ferreira Gullar integra a mostra "Livros e Arte".
(Foto: Nana Moraes)

SERVIÇO:

Enquanto
Curadoria: Lauro Cavalcanti

Livros e arte
Curadoria: Leonel Kaz

Encerramento: 31 de janeiro de 2021
Link para ingressos (o agendamento on-line é obrigatório):
<http://www.casarobertomarinho.org.br>

Instituto Casa Roberto Marinho
Rua Cosme Velho, 1105 - Rio de Janeiro
Tel: (21) 3298-9449

Visitação: terça a domingo, das 12h às 18h (entrada até às 17h15)
(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h.)

Ingressos: R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)
Às quartas-feiras, a entrada é franca.
Aos domingos, "ingresso família" a R\$ 10 para grupos de quatro pessoas.

A CRM respeita todas as gratuidades previstas por lei.

Sanfona, de Luiz Aquila, na mostra Enquanto, na Casa Roberto Marinho, exposta até o dia 31 de janeiro.
(Foto: Jaime Acioli)



Obra sem título de Vergara, da série "Quarentena".
(Foto: Jaime Acioli)



Conjunto de Frans Krajcberg, na exposição "Livros e arte", no segundo andar da CRM.
(Foto: Nana Moraes)

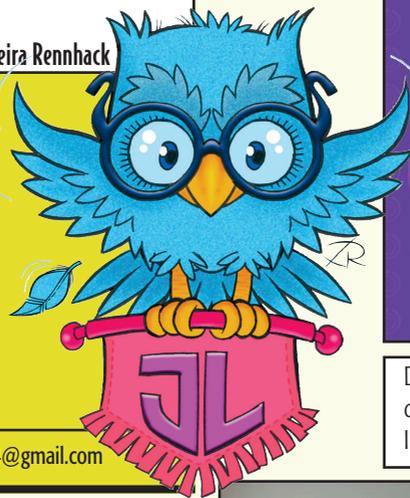
Edição de Wanda Pimentel.
(Foto: Nana Moraes)



Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Bons encontros distantes

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com



Daniel Munduruku, coordenador do 17º Encontro de Escritores Indígenas da FNLIJ.

I Circuito Literatura & Artes – PUC-Rio – Abertura do acadêmico Geraldo Carneiro.



DANIEL MUNDURUKU
"O grande patrimônio que temos é a memória. A memória guarda o que vivemos e o que sonhamos. E a literatura é esse espaço onde o que sonhamos encontra o diálogo. Com a literatura, esse mundo sonhado consegue falar." Bartolomeu Campos de Queirós (1944/2012)

Nossa vida tomou um rumo diferente e o tempo, as ocupações e os encontros também se modificaram, passando a uma outra dimensão. Cursos e encontros on-line, utilizando os recursos da tecnologia de computadores e celulares, têm nos auxiliado na difícil tarefa de continuar a vida em isolamento voluntário, já que pertencemos a grupo de risco.

O primeiro encontro que participei foi com o premiado autor Tino Freitas, no curso A história dos contos de fadas, que aconteceu em junho.

Em agosto, foi a minha vez de conversar com os professores das Salas de Leitura das escolas de Caxias do Sul. Atendi ao convite do Volnei Canonica, do Instituto Quindim, e o tema foi Tecnologia como mediadora de leitura.

Em setembro, com o NESPE – falei sobre Temas polêmicos na literatura: a necessária presença na escola – Compromissos de uma editora no século XXI: que parâmetros norteiam a decisão de publicar ou não um livro? O Núcleo de Estratégias e Políticas Editoriais, com Leandro Müller e Cibele Bustamante, tem promovido semanalmente encontros sobre diferentes temas voltados à produção editorial em suas diferentes áreas de atuação.

Em outubro, participei do curso da AEILIJ – Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil –, A Narrativa Popular: Contos e Recontos, aprendi muito com Ricardo Azevedo e Susana Ventura.

Ainda em outubro, convidada pelo coordenador Maurício Fernandes e com a indicação de Eliana Yunes, participei do I Circuito Literatura & Artes – O direito à Literatura, à Leitura e ao Livro, promovido pela Pastoral Universitária Anchieta, da PUC-Rio. Com o tema Livro para quem? Um direito ou um sonho?, discorremos sobre a difícil situação do mercado editorial e a ameaça da taxaço de livros pelo governo. Tive a possibilidade de ampliar conhecimentos com as apresentações de professores e especialistas como Aldo Lima, Marta Morais da Costa, Guto Lins, dentre outros, e com a abertura poética do acadêmico Geraldo Carneiro.

O 22º Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós e o 17º Encontro de Escritores Indígenas também aconteceram em outubro e foi possível conhecer mais de perto, com editores, autores, ilustradores e avaliadores, as obras de literatura infantil e juvenil premiadas este ano, em diferentes categorias.

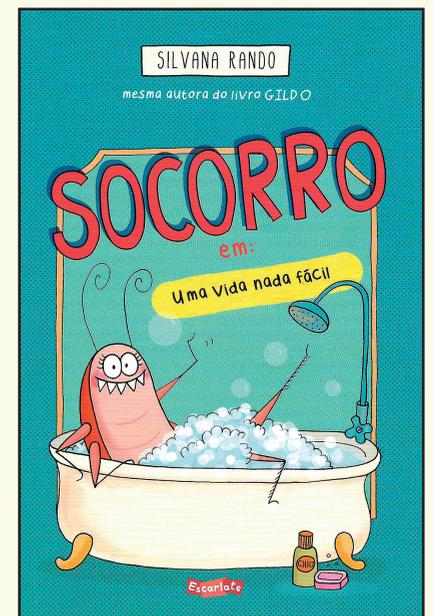
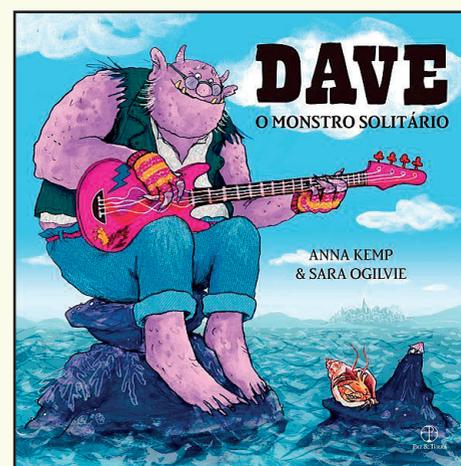
Iniciando dezembro, nova aula grátis no NESPE com tema voltado para o mercado editorial de literatura Infantil e de literatura juvenil, convidando alunos e profissionais para os inúmeros cursos que serão oferecidos em 2021. Com Luciana Figueiredo, seremos responsáveis pelo curso: Panorama das Literaturas Infantil e Juvenil no Brasil.



22º Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós – Prêmio Poesia, Balada da Estrela e outros poemas, de Gabriela Mistral, ilustrações de Leonor Pérez, tradução de Leo Cunha, editor Marcelo Del'Anhol, Edições Olho de Vidro.



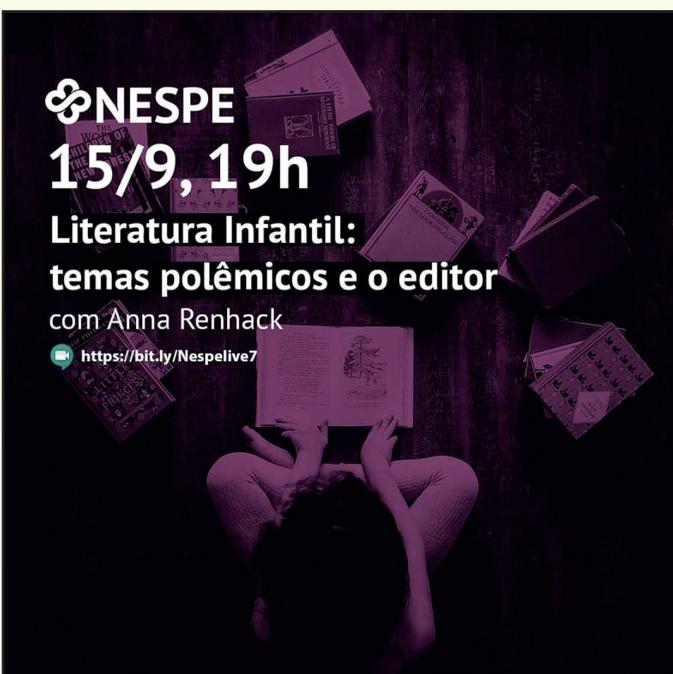
Socorro em uma Vida Nada Fácil – Silvana Rando (Escarlate) – Somente a criatividade da autora e ilustradora para me envolver em uma história cujos personagens são baratas!!!! Superei minhas dificuldades de rejeição ao pequeno, mas assustador inseto, e me deixei levar pela divertida história da Socorro, “a mais simpática barata da literatura infantil”.



Dave – o monstro solitário – Anna Kemp & Sara Ogilve (Paz & Terra) – As criadoras dos sucessos *Cachorros Não Dançam Balé* e *A Pior Princesa do Mundo* apresentam uma nova história de um monstro solitário e gentil e me lembrou uma outra história que dizia: “Na dúvida entre estar certo e

ser gentil, seja sempre gentil” (*Extraordinário* – R. J. Palacio – Intrínseca). Uma boa oportunidade para falar em empatia, solidariedade e amizade, e Dave e Percival são bons exemplos.

Muito Esquisito – Alexandre Brito escreveu e Gustavo Piqueira ilustrou (Pulo do gato) – Quem ainda se lembra quando inventávamos palavras ou animais estranhos? Capizebra, patovalão e por aí vai! Além de inventarem um monte de palavras e bichos estranhos, também inventaram desenhos esquisitos! Que tal fazermos a mesma coisa e inventarmos tudo novamente? Brincadeira de criança... como é bom! O bicho-palavra/ não perde tempo/ como o vento se reinventa a todo momento/ virou matéria-prima/ do pensamento.



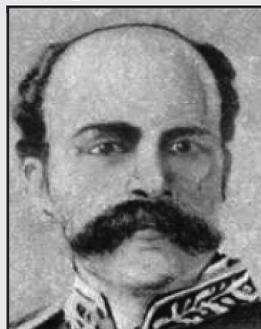
Aula NESPE – Temas polêmicos na Literatura.

NESPE
15/9, 19h
Literatura Infantil:
temas polêmicos e o editor
com Anna Rennhack
<https://bit.ly/Nespelive7>

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



ARTUR JACEGUAÍ

Artur Silveira de Mota, Barão de Jaceguai, almirante e historiador, nasceu em São Paulo, SP, em 26 de maio de 1843, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 6 de junho de 1914. Aos 15 anos, era aspirante a guarda-marinha na Escola Naval do Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1860. Em 1861, visitou a Inglaterra, a França, a Espanha, a costa da África e os Estados Unidos. Em 1862, foi promovido a Segundo-tenente, e logo foi promovido ao posto de Primeiro-tenente. Aos 26 anos, já era Capitão-de-mar-e-guerra. Era partidário do sistema Armstrong, que se opunha ao Whitworth, e, em conferências públicas, algumas das quais com a presença de D. Pedro II, defendeu o seu ponto de vista. Feitas experiências sobre o assunto, de acordo com as indicações de Jaceguai, a Marinha brasileira passou a usar o sistema Armstrong. Em 1897, foi nomeado diretor da Biblioteca da Marinha, Museu e Arquivo, e para redator da *Revista Marítima Brasileira*. Em 1900, foi nomeado diretor da Escola Naval, onde realizou um grande programa de administração. Jaceguai relutou em se candidatar à Academia. Incentivado por Joaquim Nabuco, dentro da ideia de que a Academia deveria representar, nos seus quadros, toda a vida mental brasileira e não apenas os aspectos da atividade literária nacional. Segundo ocupante da cadeira nº 6, foi eleito em 28 de setembro de 1907, na sucessão de Teixeira de Melo, e recebido pelo acadêmico Afonso Arinos, em 9 de novembro de 1907.

acervo JL



CRUZ E SOUSA

João da Cruz e Sousa (Nossa Senhora do Desterro, 24 de novembro de 1861 – Cural Novo, 19 de março de 1898) foi um poeta brasileiro. Com a alcunha de *Dante Negro* ou *Cisne Negro*, foi precursor do simbolismo no Brasil. Desde pequeno recebeu a tutela e uma educação refinada de seu ex-senhor, o marechal Guilherme Xavier de Sousa. Aprendeu francês, latim e grego, além de Matemática e Ciências Naturais. Em 1881, dirigiu o jornal *Tribuna Popular*, no qual combateu a escravidão e o preconceito racial. Em 1883, foi recusado como promotor de Laguna por ser negro. Em 1885, lançou o primeiro livro, *Tropos e Fantasias*, em parceria com Virgílio Várzea. Em 1890, foi para o Rio de Janeiro, onde colaborou com diversos jornais. Em 1893, publicou *Missal* (prosa poética baudelaireana) e *Broquéis* (poesia), dando início ao simbolismo no Brasil. Em 1922 casou-se com Gavita Gonçalves, teve quatro filhos, todos mortos por tuberculose, levando-a à loucura. É patrono da Academia Catarinense de Letras. Seus poemas são marcados pela musicalidade (uso constante de aliterações), pelo individualismo, pelo sensualismo etc. Em Florianópolis, onde Cruz e Sousa nasceu, o antigo Palácio do Governo recebeu o nome do poeta: é o Palácio Cruz e Souza. Em Lages, existe o Clube Cruz e Souza, preservando sua história e promovendo a cultura negra. Joel Rufino dos Santos publicou em 2012 o romance *Claros Sussurros de Celestes Ventos*, em que figuram como personagens tanto o poeta quanto a Núbia, que dá nome a um poema em *Broquéis*.

acervo JL



MARIA FIRMINA DOS REIS

(São Luís, Maranhão, 11 de março de 1822 – Guimarães, 11 de novembro de 1917) Considerada a primeira romancista negra brasileira, foi batizada somente a 21 de dezembro de 1825. Tanto o registro de batismo como a certidão de 1847 são omissas em relação ao nome do pai de Maria Firmina, o qual apenas é declarado no seu registro de óbito, datado de 17 de novembro de 1917, com o nome de João Pedro Esteves. Em 1847, concorreu à cadeira de Instrução Primária nessa localidade e, sendo aprovada, ali mesmo exerceu a profissão, como professora de primeiras letras, de 1847 a 1881. Em 1859, publicou o romance *Úrsula*. Em 1887, publicou na *Revista Maranhense* o conto *A Escrava*, no qual se descreve uma participante ativa da causa abolicionista. Aos 54 anos de idade, perto da aposentadoria, fundou uma aula mista e gratuita para alunos que não podiam pagar. Essa ação vai ao encontro das lutas do final do século XIX, que desejavam a igualdade de ensino para meninas. Maria Firmina dos Reis participou da vida intelectual maranhense: colaborou na imprensa local, publicou livros, participou de antologias, e, além disso, também foi musicista e compositora. Maria Firmina dos Reis morreu cega e pobre, aos 95 anos, na casa de uma ex-escrava, Mariazinha, mãe de um dos seus filhos de criação. É a única mulher dentre os bustos da Praça do Pantheon, que homenageiam importantes escritores maranhenses, em São Luís.

FAÇA COMO O SAFRA. INVISTA NO SAFRA.

VOCÊ PODE. Investimentos Safra.

Ter performance e segurança nos seus investimentos e receber uma excelente orientação financeira do mercado. No Safra, você pode.

Fale com nossos gerentes ou ligue para 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados.

Safra

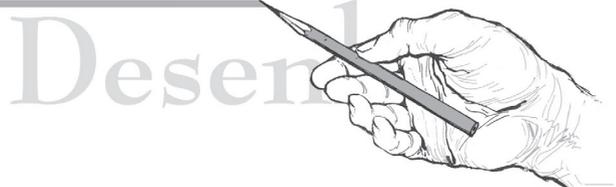
Tradição Secular de Segurança

Central de Atendimento Safra: 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados. Atendimento aos portadores de necessidades especiais, auditivas e de fala / SAC – Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755, atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria – caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito(a): 0800 770 1236, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados.



Por Zé Roberto

arte Desenharte



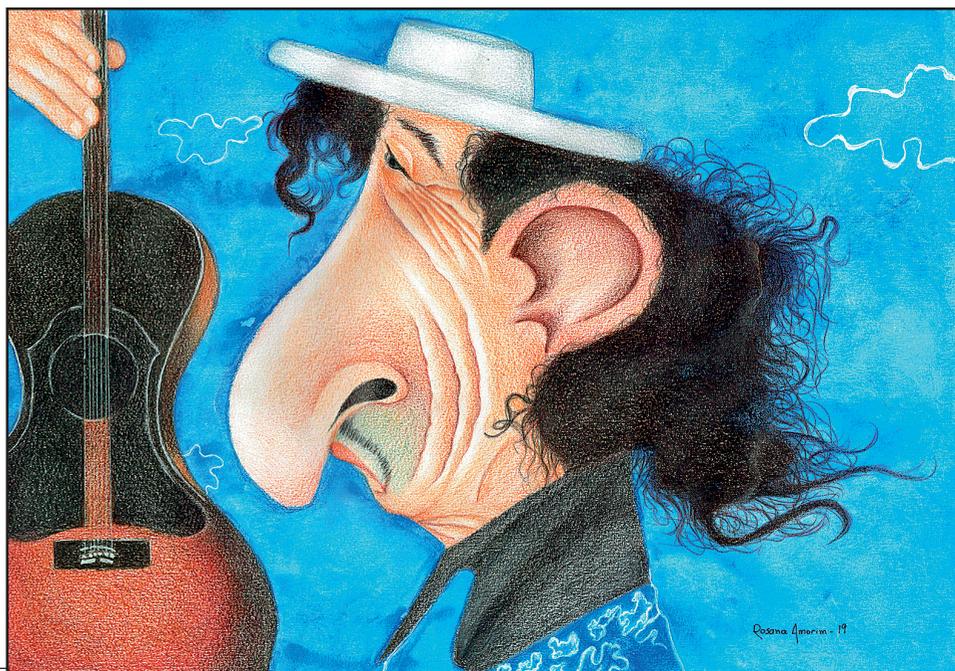
zrgauna@hotmail.com



A artista com a premiada caricatura de Wanderléia.

Bob Dylan numa arte de 2019.

Nair de Teffé por Rosana Amorim.



Rosana Amorim



Luciano Pavarotti numa divertida escultura.

Rosana Fávero de Amorim, ou Rosana Amorim, é nascida em Campinas, SP, no dia 29 de junho de 1963. Formada em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 1984, logo no ano seguinte passou a lecionar matemática para os ensinos fundamental e médio, no Colégio Doctus, de sua cidade. Para ampliar possibilidades e tornar o ensino da matemática mais convidativo, Rosana passou a pesquisar linhas geométricas e estudos de suas formas e proporções, deparando-se com as obras de grandes desenhistas e pintores, despertando-a para as artes visuais. Sob a orientação do artista Fernando Peter Colombo, passou a estudar técnicas de grafite, lápis de cor e giz pastel seco. Participou do Ateliê Lisa França, onde estudou e praticou, entre outras técnicas, pintura em aquarela, sob os olhos atentos do mestre Paulo Branco, com quem também recebeu orientações sobre a arte de desenhar caricaturas. É estudiosa escultora em argila e papietagem, inicialmente orientada pela artista Lisa França.

Aposentada do magistério desde 2015, Rosana vem se dedicando exclusivamente às artes, e já em pouco tempo mostrou versatilidade, garantindo presença em interessantes exposições, entre as quais no ateliê Lisa França, a mostra coletiva *Humorosas*, que aconteceu em Campinas, em 2018; e nos eventos humorísticos *Batom, Lápis e TPM* e no *Salão Internacional de Humor de Piracicaba* (nestes dois, marca presença desde 2016), além de ter participado do XXI *Porto Cartoon*, em Portugal, em 2019. No mesmo ano, recebeu *Menção Honrosa*, por sua participação no 17º *Salão de Humor de Cerquillo*, com uma incrível caricatura da cantora Wanderléia; sendo também agraciada com o 3º lugar na categoria *Caricatura* (com um *portrait* do cantor Bob Dylan), no 14º *Salão de Humor de Mogi Guaçu*; e selecionada no concurso internacional de caricaturas e humor gráfico – *Noticartun Colômbia*. Ainda em 2019, a artista fez parte do júri de seleção do *Salão Internacional de Humor de Piracicaba*, classificando-se também para o catálogo e a exposição do concurso *Quem te viu, quem te vê*, que homenageou

Chico Buarque de Hollanda. Em 2020, a caricaturista foi premiada na categoria *Escultura*, com uma representação caricatural do tenor Luciano Pavarotti, mesma personalidade que lhe proporcionou classificação no 12º *Salão de Humor Medplan*, desta vez com uma caricatura executada com lápis de cor e aquarela sobre papel.

Pelo coletivo *Elas por Elas*, Rosana Amorim participou das exposições *Nair de Teffé*, a *Primeira Dama da Caricatura*, na Sala de Cultura Leila Diniz, em Niterói, em 2018; e *Elizeth Cardoso por elas*, mostra que, após ser cancelada por conta da pandemia pelo novo coronavírus, foi parcialmente exibida na internet, em julho de 2020.

No Instagram, a artista pode ser encontrada no perfil @rosanafamorim, e no Facebook como rosana.faverodeamorim.

Saúde e Arte!

A última vez

Por Anderson Olivieri*

Ontem abandonaram um videocassete na lixeira do meu prédio. Custei a identificá-lo. Pensei, primeiro, tratar-se de um aparelho de DVD antigo. Depois, de um receptor de *home theater*. Até enfim perceber que era um velho amigo. Sorri pelo reencontro, sem levar em conta o padecimento indigno, o fim indigente, num lixo, daquele objeto tão simpático à minha memória. Naquele momento, inevitavelmente retornei o pensamento ao dia em que meu pai chegou em casa com o nosso primeiro videocassete. Se muito, eu tinha sete anos de idade. Era um aparelho de segunda mão que sequer disfarçava tal condição. Não vinha protegido por caixa, mas embrulhado num envelope pardo – como os que o meu pai todo dia trazia para casa, estufados de processos, pareceres, enfim, papéis e mais papéis que eu sonhava em dar destinação aeronáutica, lançando-os do sexto andar, depois de transformados em aviõezinhos.

Um diamante negro reluziu quando o seu Antônio rasgou o envelope e o videocassete se exibiu portentoso, moderno. Lembro-me de tudo deste instante – dos pulos que dei na cama, da minha irmã lendo a sinopse do filme da Moranguinho que meu pai levava para ela e até do sentimento de pertencimento social pelo qual fui tomado. Já não seria mais, dali em diante, o único garoto da redondeza sem videocassete em casa. Ah, sim, de tão marcante o evento, lembro-me até do cheiro agradável que perfumava

o quarto dos meus pais neste dia.

Depois daquele encontro fortuito com um videocassete no lixo, notei que me lembrava de tudo referente à chegada do aparelho à minha casa, mas e da sua despedida? Tentei então resgatar quando teria sido a última vez que usei o hoje malfadado videocassete. Chutei que deve ter acontecido há uns 23 anos, quando revi a minha formatura pré-escolar, ocorrida em 1989.

Mas é isto, um palpite, uma suspeita, enfim, a data é um chute. O fato, não: houve uma última vez! Algum dia eu coloquei, pela última vez, uma fita cassete nessa geringonça outrora objeto de ostentação, elevação social. Esse dia aconteceu e eu nem notei. Como também não percebi que um dia eu me reuni com os amigos de infância para jogar o futebol terminativo.

Da mesma forma que, um dia, pela última vez, eu chamei a professora de “tia”; pela última vez tomei guaraná Baré – a bebida preferida da infância; pela última vez eu fui pego no colo pelos meus pais; pela última vez abracei o amigo que partiu cedo demais... Tudo sem notar que era a última vez.

Precisou de um videocassete lançado ao lixo para esta reflexão me sobrevir: a vez derradeira acontecerá sempre. Com tudo: o trivial e o essencial. Haverá a última prosa, o último livro, a última música, a última árvore escalada, o último encontro, o último passeio, o último beijo, o último abraço, o último “eu te amo”, o último suspiro.

Quando possível, portanto, note as despedidas. Mas, acima de tudo, viva as chegadas, as jornadas e as próprias despedidas em intensidade que lhe faça capaz, até mesmo, de se lembrar do perfume que impregnava o ar no doce momento.

*Anderson Olivieri é jornalista e escritor.

Inventário de um desassossego

Ronaldo Cagiano*

Livro de estreia de André Osório, *Observação da gravidade* (Ed. Guerra e Paz, Lisboa, 2020) revela-nos um jovem autor português que aos vinte e um anos, impõe-se por uma precoce, mas plena maturidade criativa. Esse conjunto de poemas resulta não apenas do olhar imerso num lirismo muito peculiar, mas também de uma introspecção metafísica.

Dividido em três seções – Gravuras, Observação da Gravidade e Museologia – sua cartografia poética percorre múltiplos cenários numa revisita àqueles sítios que são referências para a construção de sua personalidade e de sua criação literária. Espaço, tempo e memória alinhavam uma cartografia sensorial, a partir de uma aguçada sensibilidade e de uma nostalgia que vasculham os espaços domésticos, a partir do qual reverbera um amplo campo de referências pessoais e literárias.

Permeado por um eu lírico nada exacerbado e uma reflexão sobre sua relação com os mundos que o cercam (o geográfico, o afetivo, o psicológico), o autor desnuda as camadas de sua precoce mas intensa experiência vivencial, sem a tentação do confessional.

No trânsito por universos e atmosferas que oferecem matéria e circunstância para uma poesia de mergulho em um presente repleto de passados ainda tão recentes, a infância e a adolescência são os emuladores melancólicos de uma identidade que se quer resgatar e de uma ancestralidade que busca reafirmar. Como no poema “A apanha da conquilha”, a delicada escritura de André Osório remete-nos àquele sentimento já expresso por Carlos Drummond de Andrade – *É o menino em nós/ ou fora de nós/ recolhendo o mito* – e que habita o seu inconsciente familiar, social e humano e projeta-se com inegável carga metafórica e onírica, culminando num sutil inventário existencial.

Entre poemas mais longos e versos que optam pela economia de meios, a poesia de André Osório constrói-se a partir de imagens do cotidiano e palmilha um imaginário que flerta com outros campos artísticos (como a música, o cinema, as artes plásticas). Diáfana, a linguagem que bebe nessas várias fontes estéticas esparrama-se por uma intertextualidade, evidência de seu repertório de leituras tanto literárias quanto do mundo,

ao mesmo tempo em que nota-se um equilíbrio entre forma e conteúdo, a presença de harmonia e ritmo na híbrida construção poética, por todos os ângulos, estruturada com rigor, densidade temática e cristalinidade verbal.

Observação da gravidade é uma radiografia dos escaninhos familiares, de onde emula suas miragens e pressiona o gatilho da memória, por meio do que escreve uma biografia coletiva a partir dos mundos que se formaram ou agora são reinventados em chave de catarse. Osório mira-se pelo “olho de uma casa/ que olha para dentro”, espaço mí(s)tico, lúdico e telúrico pelo qual vislumbra um mapa do desassossego, na rota de sensações e explosão dos sentidos, beiral de onde o poeta pinta com as palavras a caleidoscópica gravura de seu percurso humano e social movido pela inquirição. Compõe, assim, um fecundo museu de preciosidades ao rastrear questões que lhe são essenciais em meio aos labirintos, conflitos e demandas contemporâneas, com o amálgama de um intimismo sem afetações, que converge numa arquitetura poética, em que a exegese da realidade interior se conecta com a semântica do mundo exterior e conflituoso, prospectando-lhes as minúcias, num exercício depurado e numa dicção povoada de símbolos.

O desvelo com o valor e a função da arte também está expresso nesse livro, como se lê em “Auschwitz”, sintomaticamente uma alegoria da necessidade de se estabelecer uma espécie de campo de concentração textual, em que o trabalho do autor, em contínuo processo, requer uma insularidade necessária para alcançar o esmero da palavra final. Em “Poema”, o autor declara-o como seu regaço, o território em que mais se sente à vontade, o seu refúgio estimulante, dele extraindo a seiva elaborada de uma rica escritura, pois “A sua arte é a de auscultar o vazio/ pela artéria de dentro” e, numa solidão luminosa, alimentar sua fome de dizer.

A poesia que inaugura a galáxia literária de André Osório é original, límpida e epifânica: dissemina sua força gravitacional como obra de dimensão superior, que impulsiona “um voltar às raízes,/ à terra...”, pois o autor compreende, na complexidade das escrevivências, que sempre se está a realizar um encontro de contas com a vida, as relações e as pessoas, eis que “aí reside o mundo... Aí ele escapa”. E nas “intermitências” entre o chegar e partir, entre o visto, o vivido e o sentido, introjeta-se o espelho que agudiza os dilemas da caminhada, mas “os faróis esquadrinham/ o seu reflexo” e o poeta, com seu facho, se apazigua nos amplos espectros de sua poesia, essa arte que, no dizer de Jean-Claude Pinson (“Para que serve a poesia hoje?”), é “uma física repleta de incerteza”, instância que “faz vibrar em nós a corda enigmática do tempo, isso mesmo em que se mostra mais inescrutável.”

* Ronaldo Cagiano é escritor brasileiro, reside em Portugal.

Branca Alves de Lima

“Alfabetização pela Imagem”

Por Nelson Valente*

Morreu, neste início de século e de milênio, a educadora Branca Alves de Lima, aos 91 anos, deixando órfãos aqueles que acreditam que a alfabetização com cartilhas não só funciona muito bem como é mais simples do que essa “moda” atual do construtivismo.

O falecimento de “Dona” Branca não mobilizou o mundo educativo nem a imprensa. Consegui localizar nada mais que um anúncio fúnebre sem pompa, um anúncio padronizado, silencioso, discreto e tímido em uma coluna intitulada “Falecimentos”, no rodapé de matérias sobre violência na capital:

“Prof. Branca Alves de Lima – dia 21. Professora e escritora, era autora da cartilha *Caminho Suave*. Filha do Sr. Manuel Silveira Lima e de D. Isaura Alves de Lima, era irmã do Dr. Álvaro Alves de Lima, de D. Henriqueta Alves de Lima e de Altair Alves de Lima Liguori, todos falecidos. Deixa cunhada e sobrinhos. A missa de sétimo dia será celebrada no dia 27 (sábado) as 7.30, na Igreja de Santo Agostinho, na Praça Santo Agostinho, Aclimação. (O Estado de São Paulo, 25 de janeiro de 2001, p. 11)”

A vida de Branca Alves de Lima, autora da cartilha *Caminho Suave*, é a síntese de um dos principais males – se não do principal mal – da Educação brasileira: o enorme desrespeito dos gestores e das políticas públicas educacionais em relação aos professores e professoras, aos estudantes e suas famílias.

O sucesso da cartilha *Caminho Suave*. “Eles” (o governo, o MEC e o Guia do Livro Didático, o Conselho Nacional de Educação, as secretarias de Educação etc.) estão projetando, quase decretando, que os alunos não usem mais cartilhas.

Veja hoje o caso dos ciclos. Professores e professoras que há décadas têm na reprovação seu principal recurso de disciplina foram, de uma hora para outra, proibidos de usá-la. Mesmo com a proibição e à margem do Currículo Escolar, avós, pais, parentes, amigos e professores indicam a cartilha *Caminho Suave*, na alfabetização de seus entes queridos.

Branca Alves de Lima concebeu, em meados do século passado, a cartilha “Caminho Suave”. Mais de 48 milhões dos brasileiros adultos de hoje foram alfabetizados por ela, inclusive o presidente da República, Jair Bolsonaro.

Branca Alves de Lima nasceu, viveu e morreu na capital, São Paulo, no entanto não foi possível encontrar dados sobre a infância e adolescência da menina que nasceu em um agosto de 1910, na região do Brás. Hoje sinônimo de comércio, a região do Brás foi palco de uma histórica luta operária na industrialização e homenageia um compatriota dos pais de Branca, português e proprietário de terras: Benemérito José Brás. Nas primeiras décadas do século XX, a região era rural e abrigava imigrantes, sobretudo italianos e portugueses. A outra moradia de Branca foi na região de Fagundes e depois Liberdade, onde morou até sua morte, no ano de 2001.

A respeito de sua formação inicial, Branca pode ter estudado a instrução primária em um Grupo Escolar da região, pois a capital, São Paulo, foi um dos primeiros lugares a receber a implantação dessas instituições na última década do século XIX. Projeto republicano, o Grupo Escolar, de ensino primário e graduado em séries, convocou configurações no campo pedagógico da escola primária, a despeito da não homogeneização dessas escolas no Brasil.

Trata-se de uma escola pública que serviu, a princípio, também para formar boa parte da elite, pois a intenção republicana de educação popular ainda demoraria a ser instalada. Na região do Brás, foi criado na década de 1990 o Grupo Escolar Romão Puiggari, uma escola de referência para os filhos dos imigrantes com dificuldade na língua.

O espanhol Romão Puiggari foi professor da Escola Normal de São Paulo e, assim como Branca, foi autor de livros escolares. Acompanhado do professor Arnaldo Barreto, lançaram, no ano de 1895, pela livraria Francisco Alves, a série de quatro volumes de seus livros de leitura da série Puiggari-Barreto, que conquistou em 1904 a medalha de prata na Exposição Universal nos Estados Unidos, conforme afirmou Valdez (2004).

Neste Grupo Escolar, Branca foi professora, conforme será abordado posteriormente. A menina Branca pode ter estudado em um dos colégios confessionais da época, espaços que atendiam filhas de uma burguesia paulista em ascensão, oferecendo uma educação religiosa e moral em regime de internato ou semi-inter-

nato. Também poderia ter tido uma formação doméstica, possibilidade existente na história da educação brasileira, mas, diante das incertezas, o que temos de mais concreto é sua formação na Escola Normal do Brás, estabelecimento constantemente citado como formação máxima da professora.

A Escola Normal do Brás, criada quase junto com o nascimento de Branca, 1912, faz parte de um projeto de expansão de escolas destinadas à formação de docentes para cumprir as exigências republicanas do ensino primário.

As escolas normais públicas surgiram no Império brasileiro, na primeira metade do século XIX, no entanto coexistiram, historicamente, com os conflitos do público com o privado, tornando-se espaços, muitas vezes, frágeis, efêmeros e repletos de continuidades e descontinuidades, consolidando-se, sobretudo, na segunda metade do Brasil oitocentista.

De acordo com Santos (2013), a princípio, era Escola Normal Primária do Braz (com z), diferenciando-se por ser a primeira escola pública da capital destinada à formação de professoras primárias do sexo feminino. A mesma autora aponta ainda que, anexo à Escola Normal, instalou-se o Terceiro Grupo Escolar do Braz, anteriormente, denominado Seção Feminina do Grupo Escolar Modelo do Braz, que recebia uma frequência grande de crianças de famílias de imigrantes do bairro.

O site do Centro de Referência Mário Covas revela a mesma data de instalação e os nomes recebidos em ordem cronológica: Escola Normal Feminina da Capital, Escola Normal Padre Anchieta, Escola Normal e Ginásio Estadual Padre Anchieta e atualmente é Instituto de Educação Padre Anchieta.

Em entrevista dada no ano de 1967, Branca registrou sua preocupação com o processo de alfabetização, que iniciou nos anos vinte quando frequentou essa Escola. Antes mesmo de concluir o curso, em 1929, já lecionava:

“Na Escola, eu aprendi a ensinar pelo método analítico puro – hoje chamado global – e, em 1931, ingressei no magistério público e apliquei este método por cinco anos. Mas foi uma decepção; não tive os resultados esperados. Então resolvi ir modificando, por baixo do pano, passando a usar o analítico sintético, mas partindo da palavra (O Estado de São Paulo, 20 de agosto de 1967, p. 19)”

Com o diploma de normalista em mãos, aos dezoito anos, Branca iniciou sua jornada em escolas no interior de São Paulo.

Em entrevista dada ao jornal *O Estado de São Paulo*, no ano de 1991, registrou que iniciou sua carreira profissional em uma escola rural de Jaboticabal, pois, naquela época, segundo ela, no início da carreira era preciso lecionar, no mínimo, um ano na zona rural e aprovar, alfabetizando, no mínimo quinze alunos, para depois poder dar aulas em uma classe de uma boa escola urbana. Aparentemente, pelos dados obtidos, Branca passou bem mais que o tempo mínimo exigido. A mesma matéria registrou que deu aulas em vários grupos escolares no interior do estado e que, por onde passou, se preocupava com a dificuldade dos alunos em aprender a ler, o que ocasionava um índice elevado de reprovação. No ano de 1936, com vinte e cinco anos, a jovem professora lecionava em um grupo escolar de São José do Rio Preto, onde iniciou experiências de alfabetização com imagens associadas às sílabas, obtendo bons resultados.

O método analítico, também conhecido como “método olhar-e-dizer”, defende que a leitura é um ato global e audiovisual. Partindo deste princípio, os seguidores do método começam a trabalhar a partir de unidades completas de linguagem para depois dividi-las em partes menores. Por exemplo, a criança parte da frase para extrair as palavras e, depois, dividi-las em unidades mais simples, as sílabas.

O método proposto por Branca Alves de Lima associa imagens e letras com o objetivo de facilitar o aprendizado. A letra A é escrita no corpo de uma abelha, a B na barriga de um bebê, a V compõe os chifres de uma vaca. Assim, a cartilha *Caminho Suave* tornou-se conhecida como um método de “alfabetização pela imagem”.

Os métodos de alfabetização podem ser divididos em dois grandes grupos: os sintéticos, do micro para o macro (primeiro as letras, depois as sílabas e, em seguida, palavras e textos); e os analíticos, do macro para o micro, que partem da leitura da palavra e das frases para apenas depois destacar as sílabas e letras.

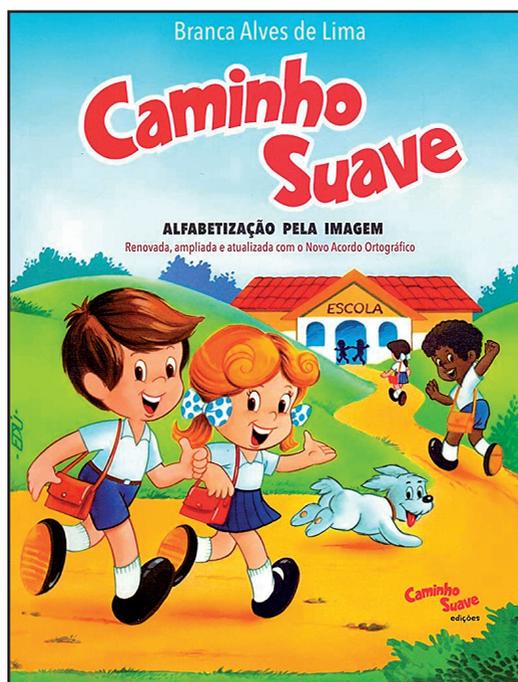
Na cartilha *Caminho Suave* o material apresenta inicialmente as vogais, depois forma encontros vocálicos e parte para a silabação. A autora juntou princípios do método sintético com o analítico, o que fez bastante sucesso à época.

Seguramente, a carreira da professora Branca não é diluída em sua trajetória da de autora de livros escolares, pois sua experiência é sempre retomada para justificar a composição de seus livros, em especial a cartilha *Caminho Suave*.

No entanto, é significativo o lugar que suas publicações, em especial a cartilha, ocupa na história da professora.

Esta é a modesta e sincera homenagem que posso agora prestar como tributo de gratidão à memória daquela que, sob moldes humaníssimos e quase maternos, abriu-me a réstea de luz da alfabetização da cartilha *Caminho Suave* de nossa educadora paulista, Branca Alves de Lima.

*Nelson Valente é professor universitário, jornalista e escritor.



#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

O centenário clube alemão de Pernambuco

Por Marly Mota*

Final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, imigrantes alemães chegaram ao Estado de Pernambuco e se estabeleceram como nos ensinou o mestre geógrafo Tadeu Rocha: “entre colinas terciárias sedimentares desde a ponta de Olinda ao norte, os Montes Guararapes e o Cabo de Santo Agostinho ao sul.” Os alemães fundaram, no Recife, em 1920, a primeira sede do Clube Alemão, na Rua do Progresso. Muitos dos jovens viajantes casaram com moças pernambucanas. Ao passar dos anos, a sede se tornou pequena. Em parque de exuberante vegetação, na Estrada do Encanamento, 216, foi construída a nova sede do Klub Alemão, (Deutscher Klub), dando boas-vindas às atividades esportivas, sociais e culturais.

Foram famosas as festas da cerveja, a Oktoberfest ganhou adeptos e admiradores. As decorativas canecas, delas, muitos fizeram coleções. O Clube Alemão festejou seus júbilos 90 anos no dia 4 de novembro de 2010. Recebeu da Câmara Municipal do Recife significativa homenagem, em Sessão Solene regida pelo presidente Sr. Alfredo Mariano. O vereador Inácio Neto foi o autor do projeto, justo e indiscutível.

Na esfera ambiental do Clube Alemão, Mauro Mota, aos domingos com amigos depois das longas caminhadas nas preferidas praias de Olinda, aportava ao Clube Alemão para um chopinho, antes do almoço, a desfrutarem daquele espaço, de bem viver com amigos inesquecíveis, entre eles: o presidente Hans Nebiker, o também presidente Adolf Klaus Fritz Kiendem, os sócios Gilberto

Freyre e Madalena. José Castelo Branco Chamixais com Alba e familiares. Sem esquecer o velho alemão, Sr. Hirschle, que implicava com as peraltices da meninada.

Guardo o diploma de Sócio proprietário de Mauro Mota, datado de 22 de agosto 1968, o de Benemérito (*In memoriam*) de 1988. Também fui generosamente contemplada com o título de Sócia Benemerita.

Impossível esquecer a convivência por anos, com amigas que participaram das tardes de lazer às sextas-feiras, para divertir-nos fazendo crochê, tapeçarias. No Clube Alemão, sentávamos à sombra de um pequeno arvoredo: Zeneide Menezes, Lúcia Loureiro, Denize Fernandes, Enilda Klaus Heloína Nebiker, Lenita velho, Ione kienden, Tereza Mairink, Indalie Falcão, Regina Moraes, mãe, do excelente médico e figura humana Maurício Mena. De alguma casa da vizinhança, chegava até nós o som do piano, com a música do compositor Liszt, em “A Benção de Deus na Solidão”. Guardei aquele momento com sentimento espiritual, como quase tudo que guardo da vida.

Quando menina em Bom Jardim, fiz o meu curso primário no Colégio Santana, de freiras alemãs. Guardei afetuosa memória da madre Ilduara, que carregava, no bolso do pesado hábito preto, um leque com gravuras de santos, paisagens, para quem tirasse boas notas. Numa dessas escolhas, vendo-me vacilante, mostrou-me uma paisagem: “Essa é a minha cidade.” Fiquei com a imagem de Heidelberg, na memória, anos depois fui a Alemanha, andei nas ruas de Heidelberg e encontrei algo que chamou minha atenção. Um recanto ajardinado com estátuas entre canteiros de violetas, gerânios, um esplendor de azuis, rosas e lilases. Ali, uma rua se anunciava: Thomas Mann, sem tempo disponível para fotos. Naquela época, não havia máquina digital, um dia eu volto lá. Quem sabe? A esperança tem sido a melhor coisa na vida. Escreveu Thomas Mann.

Diz Adélia Prado: “Alguns já perderam os seus olhos de criança. Os meus, num passe de magia, ali estiveram entre Heidelberg e minha cidade de Bom Jardim.

Os agradecimentos à Academia Luso Brasileira de Letras do Rio de Janeiro, ao Presidente Adolpho Polillo, à secretária-geral, Maria Amélia Paladino, acadêmicos, por elegerem-me membro correspondente da nobre instituição e à amiga escritora e acadêmica Sonia Sales, que gentilmente me representou na posse, em noite festiva.

*Marly Mota é da Academia Pernambucana de Letras.

Súplica esculpida

Por Jô Drummond*



Essa interessante imagem, recebida pela internet, poderia servir de ícone para o ano de 2020. Ela pode nos remeter a um pedido de socorro de Gaia (Mãe-Terra) e de seus viventes, que enfrentam dois grandes problemas mundiais na atual conjuntura: pandemia e incêndios florestais. O mundo se encontra devastado por queimadas de toda sorte e pelo flagelo do coronavírus. Desconheço a autoria do escultor do tronco falido, assim como a do fotógrafo. Ambos estão de parabéns. Essa imagem realmente “vale mais que mil palavras”. Sua alta densidade a suscita uma inesgotável polissemia que se desdobra infinitamente.

No primeiro plano, vê-se nitidamente um corpo feminino esculpido num tronco morto. As raízes se abrem formando uma cauda de vestimenta feminina, em verde musgo. É como se a mulher estivesse brotando do solo, seminua, braços erguidos aos céus, cabeça jogada para trás, num gesto de súplica, pedindo socorro. Os dois galhos correspondentes aos braços têm bifurcações que se multiplicam indefinidamente nas extremidades, ou seja, o pedido de proteção não é apenas para si. É para bilhões de braços erguidos aos céus, implorando clemência.

Em segundo plano, há uma floresta seca, sem nitidez, em tons sombrios. A antropomorfização do tronco, em corpo feminino, contrasta com as formas aleatórias das árvores secas, ao fundo; a suavidade das linhas femininas contrasta com a aspereza do entorno; a claridade do primeiro plano contrasta com o cinza esfumado do segundo, zona de indefinição, com a profusão de elementos. O obscurecimento da imagem pode transmitir tristeza e inquietação diante do indefinido e do inexplicável.

O tronco/corpo esculpido pode corresponder à dobra deleuziana, ou seja, à transição entre dois polos, onde se dá a tensão da fricção dos opostos. Ele pode simbolizar também a efemeridade da vida, período transitório entre brotamento e fenecimento, nascimento e morte.

Vejam alguns dados estatísticos do que nos aflige no mundo de hoje. Desde o início da pandemia, há dez meses na China e há sete meses no Brasil, computam-se cerca de trinta e sete milhões de casos da doença, com mais de um milhão de mortes. No Brasil, pouco mais de cinco milhões de casos com cerca de cento e cinquenta mil mortes.

Quanto aos incêndios deste ano, no Brasil, o número triplicou em relação ao mesmo período de 2019. Em outras partes do mundo, como Austrália, Ártico Siberiano, Estados Unidos, entre outros, os incêndios florestais deste ano foram os maiores de todos os tempos, segundo dados compilados pelas organizações especializadas.

Alguns estudos em desenvolvimento têm relacionado, ainda sem comprovação, possíveis casos graves de covid-19 com a poluição do ar causada pelos incêndios. Isso porque, em reservas indígenas, próximas aos incêndios florestais, a infecção pandêmica tem sido mais de 150% maior que no restante do país. Considera-se que, em todo o mundo, os incêndios sejam os maiores das duas últimas décadas, sendo que os da Amazônia, do Pantanal e do cerrado brasileiro são considerados sem precedentes. Isso é preocupante, pois sabe-se que o dióxido de carbono e outros gases liberados nas queimadas tornam a terra mais quente (efeito estufa) e as florestas mais secas, o que engendra mais e mais incêndios, num ciclo de retroalimentação.

O mundo parou em 2020 devido a um vírus até então desconhecido e letal. Ao relacionar essa imagem à atual circunstância, podemos detectar ícones que transmitem a inconclusa dialética barroca de tese/antítese, na qual não pode haver síntese para que se mantenha a tensão das dubiedades: vida/morte, início/fim, alto/baixo, primavera/inverno, terra/céu, reino animal/vegetal... Tal tensão pode gerar ambiguidade, dúvida, imprecisão, imprevisão, incerteza, inconstância, indefinição, insegurança, instabilidade, medo, morte, ofuscamento, transformação...

Na história da humanidade, há períodos em que prevalece a racionalidade, a exatidão, e há períodos em que prevalece o gosto pela imprecisão. Em época de paz e tranquilidade, há uma preferência pela estética clássica centralizada, harmoniosa, equilibrada, com cores suaves; em tempos conflituosos, a preferência preponderante recai justamente sobre a estética contrária: a barroca.

O mundo contemporâneo, apesar de ser detentor de instrumentos de alta precisão e de avançada tecnologia, entrega-se ao prazer da imprecisão. Talvez, justamente a sensação de insegurança, gerada pela dubiedade, interligada ao prazer estético, tenha atraído meu olhar para essa floresta de símbolos.

*Jô Drummond ocupa a cadeira nº 24 da Academia Feminina Mineira de Letras.

Humidade ou umidade

Por José Carlos Gentilli

A Língua Portuguesa é bela, sonante, suave para ouvir-se, cadenciada e múltipla, rica de vocábulos, fonemas e linguajares, tudo amalgamado no cadinho primevo, oriundo da ancestralidade céltica, da regência do período neolítico.

Em cada recanto, um dizer, em cada lugar, uma oitiva, que se alastram na doçura das falas e dos saberes, a feição dos doces conventuais. Pelas mãos de minha saudosa mãe-professora primária, educadora rígida, aprendi a respeito da humanidade, de húmus, de humidade, da humildade.

Letrados e filólogos registram a ambivalente umidade e eu relembro as corrigendas de minha nonagenária genitora, que nos dizia em seus últimos dias de vida: – meu filho, como é que se deve escrever, agora? – Etimologicamente, humidade provém de humus, terra! – Pois é, senhora! As escolas não ensinam mais o latim, base linguística. – É uma lástima. Governantes em seus devaneios, regidos pelo brocardo latino – *vanitas vanitatum et omnia vanitas*, propalado por Eclesiastes, alteram a língua para exibir sapiência e gnose gramatical.

A língua é viva e seus falares são mutáveis pela vontade do povo. Pobre professora! Morrer com o desencanto de não mais saber o que ensinara a vida toda.

Ela aprendeu a escrever pela lendária Seleta Vários Estilos, de Arnaldo de Oliveira Barreto, registrando Catharina (com th), sciencia (com sc), ella (com dois eles), pharmácia (com ph), philarmônica (com ph), humidade (com h), suprimidos, em 1931, por força do Acordo Brasil/Portugal.



Os celtas, povo do Neolítico, dominados pelos romanos sob a liderança do Imperador Julio César.

Logo após, em 1934, o acordo se desfez. Em 1938, tudo volta “à estaca zero”. Depois, em 1943, reformam a ortografia, num vai e vem frenético e descabido.

Ela, nascida em 1912, ultrapassou acordos e desacordos gramaticais.

Recordo a socorrer-me do já seberto dicionário Cândido de Figueiredo e do carioca “Morais” (Antônio Moraes Silva), também; mas, agora, de forma instantânea, “clico” o “Professor Google” e revejo: “No Brasil, as palavras corretas são ‘umidade’ e ‘úmido’, ambas sem o h.” Já em Portugal, umidade ou humidade, qual a forma correta? Umidade ou humidade: As duas palavras existem na língua portuguesa e estão corretas. São usadas as palavras “humidade” e “húmido”.

Eu amo Portugal e o idioma da antiga Hispânia romana com a ancestralidade céltica.

As raízes do Condado Portucalense sugaram a seiva latina, formatando o galaico-português que se espalhou pela península, absorvendo dizeres mouriscos e judaicos.

Verdadeiro calidoscópio multiforme, que tanto nos encanta e deleita.

Sou um eterno aprendiz, um pobre aprendiz da língua do vate Camões.

Dias atrás, a Academia Brasileira de Filologia elegeu-me membro Correspondente Nacional e eu fiquei honrado e grato, silente, meditativo, com tamanha responsabilidade, perante tão ilustres filólogos.

Muita honraria para tão pobre marquês...

Meu brado retumbante contra a hifenização, consolidado na obra *A Infernização do Hifen*, que mereceu o Prêmio Nacional Antenor Nascentes, mostrou às escâncaras que Portugal desconhecia o medieval tracinho de Gutemberg, em Mogúncia.

Somente os idiomas francês e português continuam a chafurdar nos meandros de regramentos insólitos da bestial hifenização.

Neste propósito, a Língua de Cervantes é um exemplo a ser seguido, regido pelo bom senso e competência da Real Academia Española.

Costumo dizer, poeticamente, que sou muitos dentro de mim.

A minha costumeira humildade me mantém restrito aos limites das preocupações com o simples.

O gênio habita o mundo da simplicidade.

*José Carlos Gentilli é escritor, membro da Academia de Ciências de Lisboa e Presidente Perpétuo da Academia de Letras de Brasília.

Toda teoria tem um LADO PRÁTICO. ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

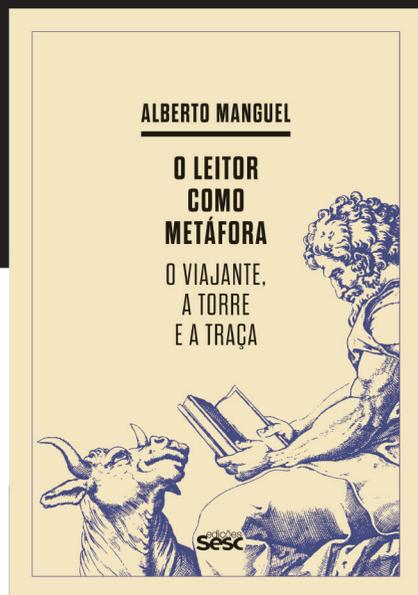
INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



LER É TRANSFORMAR-SE



O LEITOR COMO METÁFORA o viajante, a torre e a traça

Alberto Manguel

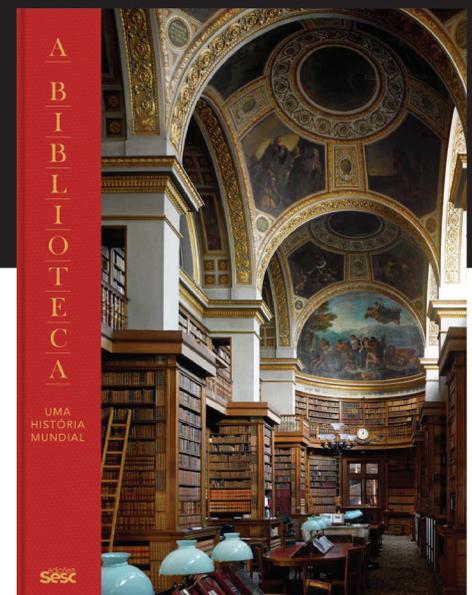
Traçando um inventário de significações e desvelando as metamorfoses da leitura ao longo dos séculos, autor define três tipos de leitores e suas características.



A LEITURA, OUTRA REVOLUÇÃO

María Teresa Andruetto

Por meio de temas ligados ao livro, à leitura, à escrita e à linguagem, autora aponta caminhos para refletir sobre o significado da leitura na contemporaneidade.



A BIBLIOTECA uma história mundial

**James Campbell (texto)
e Will Pryce (fotos)**

Primeiro livro a narrar a história arquitetônica das bibliotecas, registrando desde as primeiras estruturas até os edifícios do mundo moderno, ganha reimpressão.